



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CAMPUS ACADÊMICO DO AGRESTE  
NÚCLEO DE FORMAÇÃO DOCENTE  
CURSO DE LICENCIATURA EM FÍSICA

EZEQUIEL EDILSON FELIX ARANTES

**FÉ, INTELIGÊNCIA EMOCIONAL E RESILIÊNCIA: um estudo sobre estes  
conceitos, sob o ponto de vista de licenciandos do curso de Física da  
UFPE/CAA**

**Caruaru**

**2020**

EZEQUIEL EDILSON FELIX ARANTES

**FÉ, INTELIGÊNCIA EMOCIONAL E RESILIÊNCIA: um estudo sobre estes conceitos, sob o ponto de vista de licenciandos do curso de Física da UFPE/CAA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Física, da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciado em Física.

**Área de concentração:** Educação

**Orientadora:** Profa. Dra. Ana Lúcia Leal

Caruaru

2020

Catálogo na fonte:  
Bibliotecária – Maria Regina Borba - CRB/4 - 2013

A662f Arantes, Ezequiel Edilson Felix.  
Fé, Inteligência Emocional e Resiliência: um estudo sobre estes conceitos, sob o ponto de vista de licenciandos do curso de Física da UFPE/CAA. / Ezequiel Edilson Felix Arantes. – 2020.  
85 f.; il.: 30 cm.

Orientadora: Ana Lúcia Leal.  
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Universidade Federal de Pernambuco, CAA, **Física – Licenciatura**, 2020.  
Inclui Referências.

1. Inteligência emocional. 2. Resiliência (Traço da personalidade). 3. Professores – Formação. 4. Estudantes universitários – Universidade Federal de Pernambuco. 5. Religiosidade. I. Leal, Ana Lúcia (Orientadora). II. Título.

CDD 371.12 (23. ed.) UFPE (CAA 2020-147)

EZEQUIEL EDILSON FELIX ARANTES

**FÉ, INTELIGÊNCIA EMOCIONAL E RESILIÊNCIA: um estudo sobre estes conceitos, sob o ponto de vista de licenciandos do curso de Física da UFPE/CAA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Física-Licenciatura, da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciado em Física.

Aprovada em: 10/11/2020.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Ana Lúcia Galvão Leal Chaves (Orientadora)  
Universidade Federal de Pernambuco/NFD

---

Prof. Dr. João Eduardo Fernandes Ramos (Examinador Interno)  
Universidade Federal de Pernambuco/NFD

---

Profa. Dra. Tassiana Fernanda Genzini de Carvalho (Examinador Interno)  
Universidade Federal de Pernambuco/NFD

Dedico este trabalho a Jesus, o Cristo, filho do Deus vivo, aos meus pais, os quais sempre se esforçaram para que eu chegasse até aqui e à minha avó materna (*in memoriam*), que esteve presente em toda a minha infância e onde estiver, tenho a convicção de que está feliz por mim.

## AGRADECIMENTOS

Chegando ao fim desta etapa da minha vida, tenho muito a agradecer, pois a jornada foi árdua, mas de muito aprendizado, com lembranças e momentos inesquecíveis. Primeiramente agradeço a Deus, pois sem ele nada disto seria possível. Ao seu Filho Jesus, o qual, sempre tive a convicção de que esteve ao meu lado, intercedendo por mim junto ao Pai.

Agradeço aos meus pais, Edilson Ranulfo Arantes e Ezaldina Felix de Almeida Silva, que sempre batalharam e lutaram para que um dia eu pudesse estar aqui. Este trabalho e esta jornada concluída é o mínimo que posso retribuir pelo suor e noites de sono perdidas por eles, para que eu tivesse acesso ao estudo.

Agradeço à professora Ana Lúcia Leal, por todo carinho, paciência e atenção para comigo em diversos momentos da minha jornada acadêmica. Agradeço, também, a todos os meus professores. Carregarei um pouco de cada um por qualquer sala de aula que entrar. Com alguns tive momentos bons, outros ruins, porém todos eles foram de imensa importância para o meu amadurecimento como um futuro professor de Física e como ser humano. Tenho a certeza de que sentirei muitas saudades de todos.

À banca de defesa deste trabalho, composta pelos Prof. Dr. João Eduardo Fernandes Ramos e pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Tassiana Fernanda Genzini de Carvalho, meus enormes agradecimentos pela disponibilidade e contribuições. Agradeço aos meus colegas de turma, que sempre estiveram presentes para me auxiliar, em especial a Pedro Felix da Silva Junior e a Adonias Victor Marques Barros.

Agradeço também à minha noiva Mirella Eduarda da Silva, que, desde o início de minha jornada acadêmica sempre se manteve presente, auxiliando-me e me acalmando nos momentos difíceis que passei durante o curso.

Por fim, quero agradecer a todos que fazem a Universidade Federal de Pernambuco ser o que é: À reitoria, à Coordenação, à equipe de manutenção e limpeza, aos “vanseiros” e aos seguranças. Todos possuem uma parcela de contribuição para cada formando.

A ciência humana de maneira nenhuma nega a existência de Deus. Quando considero quantas e quão maravilhosas coisas o homem compreende, pesquisa e consegue realizar, então reconheço claramente que o espírito humano é obra de Deus, e a mais notável.

Galileu Galilei

## RESUMO

O ser humano é um ser social, imerso em uma sociedade, é produtor e reprodutor de cultura e está, a todo momento, a mercê de acontecimentos que podem ser agradáveis ou não, podendo gerar emoções boas ou más. Tais emoções afetam diretamente o enfrentamento desses acontecimentos e para que haja o equilíbrio das mesmas, é necessário desenvolver a Inteligência Emocional, que permitirá que lide com elas de forma tranquila. Ao tratarmos do enfrentamento das situações adversas que ocorrem na vida do ser, encontramos a Resiliência. Ela irá permitir que o indivíduo volte ao equilíbrio emocional, desestabilizado a partir das adversidades. Como quaisquer seres humanos, para os alunos do curso de Física da UFPE/CAA essas adversidades também estão presentes, sendo necessário que a todo momento busquem esse equilíbrio emocional, para que assim, consigam superar as dificuldades encontradas durante o curso. Mas, será que o aluno que possui fé em um ser superior, independentemente de qual religião seja adepto, consegue desenvolver uma maior Inteligência Emocional e uma melhor Resiliência e, a partir disso, consegue vivenciar momentos difíceis no curso de forma mais tranquila? O nosso objetivo geral foi estudar como se apresentou a Inteligência Emocional e a Resiliência em graduandos, em relação à existência ou não de fé. E os específicos foram: Analisar a importância da Inteligência Emocional, Fé e Resiliência, para a vida acadêmica; Investigar o que os graduandos compreendem por Inteligência Emocional, Fé e Resiliência; Identificar se os alunos que demonstraram possuir um alto nível de Inteligência Emocional e de Resiliência, consideraram possuir fé; Analisar a média de Inteligência Emocional e de Resiliência, apresentada pelos alunos que possuem fé e daqueles que referiram não a possuir; Estabelecer uma relação entre Fé, Inteligência Emocional e Resiliência, caso exista. 40 alunos participaram da nossa pesquisa e, como resultados, podemos mencionar que a grande maioria com IE “Alta” ou “Muito Alta” eram possuidores de fé em um Deus (85,72%), assim como ocorreu com a grande maioria dos que obteve níveis de Resiliência “Alto” ou “Muito Alto” (87,09%), sugerindo haver uma relação entre os níveis de Inteligência Emocional e de Resiliência e a fé em um Deus. Segundo os mesmos, a fé em Deus os auxiliou, em algum momento durante o curso, no enfrentamento de adversidades, pois conseguiram lidar mais facilmente com suas

emoções e retomar ao estado de equilíbrio, quando se sentiram afetados. Tal pesquisa nos proporcionou um grande aprendizado, tanto pessoal, quanto como futuro professor de Física, visto que pudemos perceber ainda mais o quão complexo é o ser humano e como fatores externos podem influenciar positiva ou negativamente a sua vida como estudante. Acreditamos que outras investigações poderão aprofundar mais a temática e oferecer resultados ainda mais significativos, contribuindo para que os professores e futuros professores, tanto da Física quanto das diversas áreas do conhecimento, possam compreender melhor a complexidade de seus alunos.

Palavra-chave: Fé. Formação Acadêmica. Inteligência Emocional. Resiliência. Formação de Professores.

## ABSTRACT

The human being is a social being, immersed in a society, is a producer and reproducer of culture and is, at all times, at the mercy of events that can be pleasant or not, and can generate good or bad emotions. Such emotions directly affect the coping with these events and in order for them to be balanced, it is necessary to develop Emotional Intelligence, which will allow you to deal with them in a tranquility way. When dealing with coping adverse situations that occur in the life of the being, we find Resilience. It will allow the individual to return to emotional balance, destabilized from adversity. As any human beings, for the students of the Physics course at UFPE / CAA these adversities are also present, and it is necessary that they always seek this emotional balance, so that they can overcome the difficulties encountered during the course. But, does the student that has faith in a higher being, regardless of which religion he is adept in, manage to develop greater Emotional Intelligence and better Resilience and, from that, can experience difficult moments in the course more calmly? Our general objective was to study how Emotional Intelligence and Resilience were presented to undergraduates, in relation to the existence or not of faith. And the specifics were: Analyze the importance of Emotional Intelligence, Faith and Resilience; Identify if the students that have demonstrated a high level of Emotional Intelligence and Resilience, considered having faith; Analyze the average of Emotional Intelligence and Resilience, presented by students who have faith and those that reported not having it; Settle a relationship between Faith, Emotional Intelligence and Resilience, if any. 40 students participated in our research and, As a result, we can mention that the vast majority of students with IE "High" or "Very High" had faith in a God (85.72%), as well as the vast majority of those who obtained "High" Resilience levels or "Very High" (87.09%), thus, strongly suggesting a relationship between the levels of Emotional Intelligence and Resilience and faith in a God. According to them, faith in God helped them, at some point during the course, in facing adversity, because they were able to deal more easily with their emotions and return to the state of balance, when they felt affected. Such research provided us with a great learning experience, both personally and as a future Physics teacher, since we could understand even more, how complex the human being is and how external factors can positive or negatively influence his life as a student. We believe

that other investigations can further deepen the theme and offer even more significant results, contributing so that teachers and future teachers, both in physics and in the various areas of knowledge, can better understand the complexity of their students.

Keywords: Faith. Academic training. Emotional intelligence. Resilience. teacher training.

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 -	Respostas dadas à quarta questão.....	57
Gráfico 2 -	Respostas dadas à quinta questão.....	59
Gráfico 3 -	Respostas dadas à sétima questão.....	61
Gráfico 4 -	Respostas dadas à oitava questão.....	63
Gráfico 5 -	Respostas dadas à nona questão.....	65
Gráfico 6 -	Nível de I.E. apresentado pelos alunos participantes.....	67
Gráfico 7 -	Nível de Resiliência apresentado pelos alunos participantes..	68
Gráfico 8 -	Coeficiente de I.E. De todos os alunos que responderam não possuir fé.....	69
Gráfico 9 -	Coeficiente de Resiliência de todos os alunos que responderam que não possuíam fé.....	69
Gráfico 10 -	Coeficiente de Inteligência Emocional de todos os alunos que responderam que possuíam fé.....	70
Gráfico 11 -	Coeficiente de Resiliência de todos os alunos que responderam que possuíam fé.....	71
Gráfico 12 -	Média de I.E. e de Resiliência encontrada nas respostas dos alunos que referiram ter fé em um Deus e dos que não referiram ter.....	71
Gráfico 13 -	Nível alto ou Muito alto de I.E.....	73
Gráfico 14 -	Nível Alto ou muito Alto de Resiliência.....	73

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Resultados da pesquisa na BDTD.....	18
Tabela 2 - Níveis de IE.....	67
Tabela 3 - Níveis de Resiliência.....	68
Tabela 4 - Relação entre Fé, I.E. e Resiliência dos graduandos do curso de Física da UFPE/CAA.....	74

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BDTD	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações
IE	Inteligência Emocional

## SUMÁRIO

1	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	15
2	<b>FÉ</b> .....	20
2.1	RELAÇÃO ENTRE FÉ E RELIGIÃO.....	24
2.2	FÉ E EDUCAÇÃO.....	26
3	<b>INTELIGÊNCIA EMOCIONAL(I.E.)</b> .....	28
3.1	MODELOS DE INTELIGÊNCIA EMOCIONAL (I.E.).....	30
3.1.1	<b>A I.E. como modelo de competências</b> .....	30
3.1.2	<b>A I.E. como traço de personalidade</b> .....	31
3.1.3	<b>A I.E. como um modelo misto</b> .....	31
3.2	A INTELIGÊNCIA EMOCIONAL (I.E.) E SEUS IMPACTOS NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM.....	34
3.3	INTELIGÊNCIA EMOCIONAL (I.E) E EDUCAÇÃO EMOCIONAL.....	35
4	<b>RESILIÊNCIA</b> .....	37
4.1	ADAPTAÇÃO X SUPERAÇÃO.....	38
4.2	FATOR INATO X FATOR ADQUIRIDO.....	39
4.3	CARACTERÍSTICA PERMANENTE X ALGO CIRCUNSTANCIAL.....	40
4.4	FATORES DE RISCO.....	41
4.5	FATORES DE PROTEÇÃO.....	42
4.6	VULNERABILIDADE.....	42
4.7	RESILIÊNCIA E EDUCAÇÃO.....	43
5	<b>METODOLOGIA</b> .....	45
5.1	CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA.....	45
5.2	ASPECTOS DOS MODELOS QUALITATIVOS E QUANTITATIVOS.....	46
5.3	LOCAL, PERÍODO E AMOSTRA.....	48
5.4	INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS DE COLETA DOS DADOS.....	49
5.5	A ANÁLISE DOS DADOS.....	50
6	<b>ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS</b> .....	52
7	<b>CONCLUSÃO</b> .....	75
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	78
	<b>APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO</b> .....	83

## 1 INTRODUÇÃO

É fato que a vida de estudante é como uma “montanha russa”, pois hora está ocorrendo tudo conforme planejado, tudo dando certo, hora nada parece caminhar como esperávamos, desmotivando e entristecendo o estudante. Quando se trata de estudantes universitários a história não é diferente, pois comumente ocorrem situações de estresse e dificuldades surgem, não sendo possível evitá-las.

Muitos graduandos da UFPE residem fora do município de Caruaru, local onde está localizado o Campus Acadêmico do Agreste (CAA). Com isso, precisam se deslocar todos os dias até à Universidade ou até mesmo passam a residir longe de suas famílias e amigos. Esse fato pode dificultar, ainda mais, o equilíbrio emocional destes alunos.

Diante da constatação dos fatos mencionados, passamos a questionar sobre como os graduandos da UFPE/CAA, em específico os graduandos do curso de Física licenciatura, estavam lidando com todo esse turbilhão de acontecimentos que os acompanhavam durante toda a graduação. E foi a partir destas observações ocorridas, inicialmente de modo amador e até intuitivo, que nos deparamos com o tema da Inteligência Emocional(I.E.) e da Resiliência. A princípio tivemos contato com a temática ao participarmos de um Projeto de Pesquisa da Instituição e aos poucos ficou claro que ela poderia ser útil para uma melhor compreensão do que poderia estar se passando na vida desses estudantes.

É notório que o ser humano é constituído por diversas dimensões. Segundo afirma Ferdinand Röhr (2011), o homem possui cinco dimensões básicas que o constitui.

[...] a dimensão física, que inclui a corporalidade físico-biológica, da qual em parte nem temos percepção; a dimensão sensorial representando as nossas sensações físicas, calor-frio, do prazer físico, doce-amargo, etc., enfim, a percepção que temos através dos nossos cinco sentidos: tato, visão, audição, olfato e paladar; a dimensão emocional, abrangendo a vida da nossa psique, os estados emocionais (medo, insegurança, euforia, apatia, tristeza, melancolia, impaciência, dispersão, solidão, saudade, indecisão, pessimismo, etc.) e suas respectivas movimentações e compensações; a dimensão mental que inclui, em primeiro lugar, o racional e lógico no sentido mais restrito, ou seja, aquela parte em

que correspondemos naquilo que pensamos com todos os seres humanos, os pensamentos universais, formais (lógica, matemática), mas também a capacidade de reflexão - de questionar todas as coisas, inclusive a si mesmo -, a recordação e a memória, a imaginação e a fantasia, a compreensão e criação de ideias e, finalmente, a nossa intuição – quando sabemos sem poder justificar, em última instância, por que sabemos. A mais difícil de identificar é a quinta, a dimensão espiritual. Não se confunde essa dimensão com a religiosa, que em parte pode incluir a espiritual, mas que contém algumas características, como as da revelação, enquanto intervenção direta de Deus, e de um tipo de organização social que, dessa forma, resultam estranhas ou desnecessárias à dimensão espiritual (p. 55-56).

Além das dimensões citadas, o autor considera que temos também as seguintes dimensões transversais: Relacional-social; a prático-laboral-profissional; a político-econômica; a comunicativa; a sexual-libidinal e de gênero; a étnica; a estético-artística; a ética; a ecológica; a místico-mágico-religiosa; a lúdica e a volitivo-impulsional-motivacional. Segundo o próprio Röhr, “é impossível, como já anunciamos, caracterizar e sistematizar essas dimensões sem nos depararmos com superposições, zonas de intermediações e ambiguidades” (2011, p.56). Sobre a dimensão espiritual, ressalta que ela

[...] não se confunde essa dimensão com a religiosa, que em parte pode incluir a espiritual, mas que contém algumas características como as da revelação, enquanto intervenção direta de Deus, e de um tipo de organização social que, dessa forma, resultam estranhas ou desnecessárias à dimensão espiritual (p.55).

Segundo o autor, entra-se na dimensão espiritual no momento em que nos identificamos com algo, quando sentimos que ele se torna como um apelo incondicional para nós.

Concordando com a visão apresentada, podemos presumir que a espiritualidade é intrínseca ao homem, mesmo que ele não seja religioso, como também podem existir seres humanos religiosos, que não são espiritualizados. A espiritualidade pode ser um dos fatores que o leva até à religião e o faz ter fé.

O homem também é constituído por emoções, como afirma Marques (2020):

Independentemente de sua idade ou classe social, todas as pessoas sentirão emoções básicas no decorrer de suas vidas. Isso acontece porque as emoções manifestam como estamos nos sentindo no momento, tornando-se guias de aprendizagem e autoconhecimento para o desenvolvimento individual(p. 1).

Portanto, é necessário ao homem compreender e controlar suas emoções, para que elas sejam suas aliadas e não que passem a controlar e, de certa forma, atrapalhar seus afazeres diários. Daí a importância da I.E.

Esta poderosa habilidade nada mais é que a capacidade de entender e gerenciar as emoções. Com a Inteligência Emocional é possível compreender com maior eficácia as próprias emoções e até mesmo as emoções daqueles que nos cercam (MARQUES,2020, p.1).

Ter I.E. contribui de maneira positiva para que as decisões sejam tomadas sem exagero, bem como entender e reconhecer que certas emoções podem ter ultrapassado os limites saudáveis. Diversas emoções são geradas a partir de acontecimentos na vida do homem. Esses acontecimentos podem ser bons ou ruins, gerando emoções positivas ou negativas. Quando emoções negativas são geradas, geralmente por acontecimentos ruins, é necessário que o homem consiga lidar com esse fato, buscando sempre o equilíbrio. É para alcançar esse equilíbrio, o homem se beneficiará do desenvolvimento de sua capacidade resiliente.

O conceito de Resiliência é utilizado para caracterizar a atitude de adaptação à mudança, superação de problemas e dificuldades, ou a capacidade de resistir à pressão de situações adversas, sem que isso cause um impacto psicológico, emocional ou físico.

Podemos entender a resiliência como uma habilidade poderosa para lidar com os desafios do nosso cotidiano. A capacidade de ser resiliente contribui de forma positiva para o bom enfrentamento dos diversos desafios que surgirão no âmbito pessoal – relação com família e amigos, por exemplo – e também no âmbito profissional(MARQUES, 2018, p. 1).

Partindo do pressuposto de que o homem é um ser espiritualizado e que, portanto, consegue ter fé, podemos presumir que este fato pode contribuir para que o mesmo tenha uma boa I.E. e desenvolva a capacidade de ser resiliente? Exatamente para encontrar uma resposta a essa pergunta é que, através deste trabalho de conclusão de curso (TCC), estamos propondo investigar essa possível relação nos alunos do curso de Física Licenciatura, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Campus Acadêmico do Agreste (CAA).

Antes, contudo, de definirmos nossa linha de pesquisa, realizamos uma pesquisa na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), no intuito de verificarmos, nos últimos cinco anos, o número de teses e dissertações que, porventura, englobassem o conteúdo deste TCC. Os dados obtidos nessa pesquisa estão apresentados na Tabela 1:

Tabela 1 – Resultados da pesquisa na BDTD.

<b>Ano</b>	<b>Resiliência</b>	<b>Inteligência Emocional</b>	<b>Fé</b>	<b>Resiliência e Fé</b>	<b>Inteligência Emocional e Fé</b>	<b>Resiliência, Fé e Inteligência Emocional</b>
<b>2019</b>	12	3	5	0	0	0
<b>2018</b>	46	4	15	0	0	0
<b>2017</b>	55	0	16	0	0	0
<b>2016</b>	47	2	21	0	0	0
<b>2015</b>	41	2	18	0	0	0

Fonte: Elaborado Pelo Autor. (2020)

Analisando os resultados obtidos na Tabela 1, percebemos que não houve registros de trabalhos publicados nos últimos cinco anos que fizessem a interligação entre Resiliência e Fé; I.E. e Fé; Resiliência, Fé e I.E. Neste sentido, em virtude da escassez de trabalhos a cerca dessa temática, portanto, constatando a sua originalidade, sentimo-nos motivados para elaborar a presente pesquisa.

O objetivo geral de nosso trabalho foi:

- Estudar como se apresentou a I.E. e a Resiliência em graduandos, em relação à existência ou não de fé.

E, como objetivos específicos, buscamos:

- Analisar a importância da I.E., Fé e Resiliência, para a vida acadêmica;
- Investigar o que os graduandos compreendem por I.E., Fé e Resiliência;
- Identificar se os alunos que demonstraram possuir um alto nível de I.E. e de Resiliência, consideraram possuir fé;
- Analisar a média de I.E. e de Resiliência, apresentada pelos alunos que possuem fé e daqueles que referiram não a possuir.
- Estabelecer uma relação entre Fé, I.E. e Resiliência, caso exista.

Como forma de fundamentar o nosso trabalho, iniciaremos com a discussão sobre Fé, para, no capítulo seguinte, apresentarmos a temática da I.E. e da Resiliência. Em seguida, a pesquisa será descrita em suas características metodológicas, sendo apresentada a forma como os dados foram coletados e analisados. Os dados obtidos, a seguir, foram expostos e discutidos no capítulo de Análise e Discussão. Finalizaremos este trabalho com alguns comentários finais pertinentes ao que foi observado ao longo do mesmo.

## 2 FÉ

Iniciaremos a fundamentação teórica deste trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentando um tema um tanto polêmico e que pouco é discutido nos cursos de graduação, não sendo diferente dos cursos de ciências exatas, mesmo que de licenciatura, a fé.

Antes de mais nada precisamos deixar claro que é possível ter fé em algo, ou alguém, sem necessariamente estar associado à relação com um transcendente ou a um viés religioso. Para efeito do desenvolvimento desta pesquisa, contudo, iremos afunilar o conceito de fé, considerando-a como a fé em Deus.

Segundo Josaphat (2013),

[...]a fé bíblica está na base da vida dos grandes chefes e líderes, como de toda a comunidade do povo. Este se diz de Deus, a Fé sendo a atitude que faz com que o povo seja justo e santo. Ela é uma forma de conhecimento que suscita uma forma de vida. O que domina é a força transformadora da livre e convicta adesão a Deus, ao "Deus que é" e à sua palavra eficaz, criadora das coisas e da bondade do coração e da vida social (p.1).

Para o autor, fé é o alicerce no qual estão sustentados os pilares da justiça e santidade na humanidade, sendo assim de extrema importância para a sociedade. Ela está presente na instância mais sutil do homem, sendo percebida desde as primeiras civilizações, quando os nossos ancestrais tentavam explicar fenômenos naturais, aos quais naquela época não tinham explicação científica.

Na Antiguidade, como não conseguisse explicar a Natureza e os fenômenos naturais, o homem dava nomes ao que não podia explicar e passava a considerar os fenômenos como "deuses". Assim, o trovão inspirava um deus, a chuva outro; o céu era um deus pai e a terra, uma deusa mãe e os demais seres, seus filhos (OLIVEIRA, 2014, p. 1).

A fé é um sentimento total de crença, ainda que não haja nenhum tipo de evidência que comprove a veracidade da proposição em causa. Em Hebreus, "a fé é

o firme fundamento das coisas que se esperam e a prova das coisas que se não veem” (HEBREUS 11:1).

Martins (2017) considera que ter fé implica em uma atitude contrária à dúvida e está intimamente ligada à confiança. Em algumas situações, como nos problemas emocionais ou físicos, ter fé significa ter esperança de que algo vai mudar para melhor.

A fé, em sua essência, está profundamente enraizada na expectativa de coisas boas por vir. Isso vai além da esperança. Embora grande parte da esperança está na mente, a fé está mergulhada no coração e no espírito. Isso não pode ser explicado pela razão ou lógica, ou ser compreendido através de uma única dimensão (Idem,p.1).

Samuel Rodriguez (2019) destaca que “a fé capacita-nos para ver o invisível, abraçar o impossível, e dá esperança no incrível”(p. 1). Em algumas situações, ter fé significa ter esperança de que algo vai mudar para melhor. Sendo assim,

[...] é algo que anima afetivamente as pessoas, um comportamento que faz o indivíduo se sentir motivado a atravessar uma situação de grande dificuldade, por exemplo. Independente de crenças, a fé faz com que a pessoa tenha esperança que algo melhor estaria por vir. Muitas vezes as decisões são encorajadas pelo fato de se ter fé, esperança e acreditar em algo, fazendo assim com que tenha a motivação de sempre seguir em frente(MARQUESÓLO, 2016, p.1).

Para Frankl (2007), o homem é considerado um ser tridimensional, formado pelas dimensões bio-psico-espirituais. A dimensão somática abrange os fenômenos corporais; a dimensão psicológica abrange os instintos, os condicionamentos e as cognições e a dimensão noética (do grego *nous*,significa espírito) abrange todas as qualidades que diferenciam o homem dos demais animais.

O autor apresenta o conceito de fé inconsciente:

[...] sempre houve em nós uma tendência inconsciente em direção a Deus, que sempre tivemos uma ligação intencional. Embora inconsciente, com Deus. E é justamente este Deus que denominamos de Deus inconsciente (p.58).

Acredita que o ser humano, mesmo sem perceber, acaba tendendo a se aproximar do “Deus inconsciente”. O que leva a crer que mesmo aqueles que afirmam não ter fé, inconscientemente, acabam sendo levados a crer. Em alguns casos, tal fé gera consequências boas para o homem, até então inexplicáveis para a ciência moderna, como a cura de indivíduos em estado terminal. Seguindo este raciocínio, Marquesólo (2016) considera que há muitos estudos que comprovam que, pelo fato de a pessoa ter fé, se curou de doenças até então incuráveis.

Baia (2016)aponta que:

Fé ou confiança em Deus é acreditar numa força superior que é soberana a tudo e a todos. Ao contemplar a natureza ou buscar sentir sua imensidão e beleza intencional, além de perceber o brilho no rosto de uma criança quando desenvolvemos alguma ação social é muitas vezes o modo como externamos a nossa fé.[...]Hoje já está comprovado cientificamente que tais atitudes, em geral, promovem a sensação indescritível de bem-estar que, por sua vez, promovem o fortalecimento do sistema imunológico (p.1).

Quando nos referimos à fé, podemos associá-la à Espiritualidade. Guimarães e Avezum (2007) a definem como uma propensão humana a buscar significado para a vida por meio de conceitos que transcendem o tangível, à procura de um sentido de conexão com algo maior que si próprio. Saad, Masiero e Battistella (2001) ressaltam, contudo, que a espiritualidade pode ou não estar ligada a uma vivência religiosa<sup>1</sup>.

Resumindo, a ciência tem comprovado com frequência que a espiritualidade pode reduzir o risco de doenças cardiovasculares e diabetes, e também atenua os sintomas de enfermidades, como AIDS e câncer, além de melhorar a qualidade de vida e diminuir a violência. Também se percebeu que a fé atua em diversas áreas cerebrais, principalmente no sistema límbico, que é responsável pelas emoções (BAIA, 2016, p.1).

---

<sup>1</sup>Como já apontamos no Modelo de Multidimensionalidade Humana, na Dimensão Espiritual, apresentada por Röhr (2011).

A partir do que o autor considera, podemos perceber que a fé possui relação com o corpo físico e com as emoções podendo, portanto, influenciar o desenvolvimento de comportamentos físicos e emocionais.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) reconhece a espiritualidade como um fator que não deve ser desprezado e, portanto a fé, porque pode gerar um equilíbrio, declarando que, quando ela é bem empregada, o resultado observado é um reflexo positivo na saúde psíquica, social e biológica, tal como o bem-estar do indivíduo.

Ainda segundo Monezzi (2007) apud Baia (2016), pesquisador e psicobiólogo do Instituto de Medicina Comportamental da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), “[...] indivíduos espiritualizados, independentemente da religião, demonstram ser menos violentos, pois pensam no próximo, são altruístas e muitas vezes demonstram ser mais solidários”(p.3).

Para Marquesólo (2016), a fé possui relação com as emoções do ser e serviria como um alívio aos abalos emocionais.

Ter fé é encarar o mundo de maneira positiva e esperançosa. O ser humano precisa ser motivado para viver em harmonia, é saudável depositar energia em algo para aliviar a grande carga emocional que todos nós possuímos. É necessário ao ser humano ter confiança para seguir em frente, pois a fé é que dá sentido aos valores da nossa vida, de maneira a dar significado de nossa existência (p. 3).

Para que possamos entender mais a fundo como a fé está presente na vida do ser humano, é importante “voltarmos no tempo” e entendermos como surgiram suas primeiras manifestações no homem, como nossos antepassados tratavam a fé, e como a crença, há milhares de anos atrás, influenciava a vida do ser humano.

## 2.1 RELAÇÃO ENTRE FÉ E RELIGIÃO

Intimamente ligada à fé, a religião está presente em grande parte das civilizações. Podemos fazer o seguinte questionamento: Por que se faz necessário estudar e entender a origem das religiões?

Segundo Martins (2017, p.3), “a experiência religiosa é uma das mais ricas experiências que o humano pode vivenciar, [...]por isto o interesse em investigá-la e nessa investigação procurar o conhecimento acerca da sua origem.”

Durante toda a história da humanidade, desde as primeiras civilizações, o homem se empenha em compreender os fenômenos naturais. Fenômenos estes, antes sem explicação, passaram a ter um significado e um motivo para acontecer a partir da crença em seres místicos e sobrenaturais. A partir dessas crenças surgiram as primeiras religiões.

Etimologicamente a palavra religião deriva do latim *religio*, tendo o significado de religar, reler ou reeleger (COUTINHO, 2012; SILVA, 2004).

Religião significa relação entre o homem e o poder sobre-humano no qual ele acredita ou do qual ele acredita ou do qual se sente dependente. Essa relação se expressa em emoções especiais (confiança, medo), conceitos (crenças) e ações (culto e ética) (TIELE, 1830 – 1902, apud GAARDER, 2000, p.17).

De acordo com Silva (2004), a definição de religião mais aceita pelos estudiosos, para efeito de organização e análise, é a que a considera como um sistema comum de crenças e práticas relativas a seres sobre-humanos, dentro de universos históricos e culturais específicos.

Estudar a origem das religiões não é um trabalho simples, uma vez que se refere a um tempo que não era provido de documentos escritos, já que se trata de um homem primitivo, do período chamado Paleolítico, quando ainda não havia sido desenvolvido a escrita. Neste sentido, suas representações eram expressas através de símbolos em blocos rochosos conhecidos como arte rupestre. O indício mais antigo de prática relacionada à religião do homem pré-histórico é o sepultamento, intimamente ligado às fontes mais antigas e numerosas da pré-história, que são as ossadas.

Bezerra (2011) destaca que a prática dos nossos ancestrais revela uma grande preocupação com a possível vida após a morte. Isso é ressaltado, ainda, nos adereços encontrados em inúmeras sepulturas da época, como se acreditassem que em sua “outra” vida iriam necessitar de tais objetos. A posição que os corpos eram encontrados durante as escavações arqueológicas, também é coberta de significado. Eles eram encontrados virados para o leste, o que demonstrava a intenção de tornar o destino da alma solidária com o curso do Sol, significando a esperança de um renascimento. Podemos perceber que o fato de o homem pré-histórico se preocupar e preparar minuciosamente o funeral de seus falecidos, demonstra acreditar no sobrenatural. E tal ato é a “faísca” para a criação e o desenvolvimento das religiões.

Para o autor, as formas mais numerosas e explícitas de culto religioso feito pelo homem ocorreram por volta de 35.000A.C.. As informações possíveis de serem extraídas sobre a arte rupestre foram levantadas a partir dos estudos arqueológicos, antropológicos, filosóficos, históricos e psicológicos. Sem as contribuições destas ciências, não seria possível desvendar como surgiu a religião. Ou seja, desde quando se tem o registro da necessidade de o homem ter uma relação com o seu transcendente.

Diversos filósofos refletiram sobre o tema da religião. Segundo Durkheim, a religião é um fenômeno coletivo, mas não pode haver crenças moralmente impostas se não tiver um caráter sagrado para esses seguidores, fazendo-os distinguir suas atitudes dentro de rituais coletivos e sagrados.

As religiões partilham uma visão comum: Há algo de incompleto sobre nós e, assim, ansiamos pela plenitude. Se cada pergunta tivesse uma resposta pronta, não seriam necessárias as orações. Se toda dor tivesse uma cura fácil, não haveria sede de salvação. Se cada perda fosse restaurada, não haveria desejo de alcançar “o céu”. Enquanto estas necessidades permanecerem, também permanecerá a religião.

Atualmente existem dezenas de religiões, com suas singularidades e características, que fazem intersecção com outras religiões. O ser humano, em sua maioria, independente de qual religião seja adepto, tem em um ser superior a explicação para o que não consegue ser compreendido pela ciência moderna.

Segundo Frankl (2007), Freud considerava a religião como a sublimação dos impulsos sexuais, denominando-a de “neurose obsessiva da humanidade”, contudo, ele discorda dessa idéia, considerando-a como um fenômeno humano a ser considerado pela Psicologia. Assim como outros autores já mencionados, afirma que é possível existir indivíduos que possuam fé, porém não sejam adeptos à religião, o que ele denomina de “Irreligioso”. O ser irreligioso é aquele que ignora a transcendência da consciência. Mas é válido ressaltar que o homem irreligioso tem consciência, assim como responsabilidade. O que não faz é questionar de onde provém esta consciência. O ser humano irreligioso é, portanto, aquele que aceita sua consciência em sua dimensão psicológica, como pertencente a ele.

## 2.2 FÉ E EDUCAÇÃO

Segundo Libâneo (2010), as diferentes concepções de Educação concordam, quase unanimemente, que ela consiste em um processo de desenvolvimento do ser humano através de uma transformação contínua. No entanto, esta concepção é tão mais complexa e variável, quanto às teorias da Educação.

Para o autor (2010, p.73),

[...]O acontecer educativo corresponde à ação e ao resultado de um processo de formação dos sujeitos ao longo das idades para se tornarem adultos, pelo que adquirem capacidades e qualidades humanas para o enfrentamento de exigências postas por determinado contexto social.

Segundo o próprio, existem três modalidades da Educação, as quais são definidas como: *informal, não-formal e formal*.

A Educação *informal* é aquela não-intencional ou não-sistematizada, é o que ocorre, por exemplo, na família. A *formal* é sistemática, é “aquela estruturada, organizada, planejada intencionalmente” (Idem, p. 88), sendo a Educação típica das

escolas. Já a *não-formal* consiste em “atividades com caráter de intencionalidade, porém com baixo grau de estruturação e sistematização, implicando certamente relações pedagógicas, mas não formalizadas” (Ibidem, p. 89).

Na atualidade, dentre as instituições sociais, a escola é promovedora da Educação sistematizada e a religião é um espaço de propagação da fé. Mesmo assim, esta última contribui fortemente para a propagação de valores, princípios e do conhecimento, assim como a Educação sistematizada. Tal circunstância nos levou a analisar a história da Educação, avaliando sua possível ligação com a religiosidade e a fé.

Mas, será que um indivíduo que possua fé em um ser superior, conseguirá lidar mais harmonicamente com suas emoções? Ou seja, conseguirá desenvolver sua Inteligência Emocional?

### 3 INTELIGÊNCIA EMOCIONAL(I.E.)

Inteligência e emoção são dois temas tradicionalmente polêmicos que, mesmo após várias décadas de estudos, ainda despertam interesse e fomentam debates dentro e fora do ambiente acadêmico, existindo, para cada um deles, um vasto campo de teorização e pesquisa (SIQUEIRA; BARBOSA; ALVES, 1999 apud QUEIROZ, 2016).

Gomes e Siqueira (2010) explicam que mesmo nos dias atuais, emoção e inteligência têm sido muitas vezes compreendidas como adversárias e que a primeira é tida como um aspecto substancialmente irracional, uma instância perturbadora do pensamento.

Durante muito tempo, a emoção foi concebida como uma força altamente irracional e desagregadora, totalmente contrária à razão. Entretanto, nas pesquisas a respeito das emoções, essas são concebidas como um verdadeiro estímulo à cognição (WEDDERHOFF, 2001, p. 3).

Em 1995, o psicólogo estadunidense Daniel Goleman, publicou um livro chamado "Inteligência Emocional" (I.E.). Sua tese central vai de encontro às reflexões dos antigos sobre o perigo de uma vida emocional conturbada. Goleman chama de "sequestros emocionais" aqueles momentos em que "perdemos a cabeça", ou seja, quando nossa racionalidade fica desnorreada e as emoções explodem, causando, por vezes, arrependimentos.

Alzina, Gonzáles e Navarro (2015) destacam que as emoções estão presentes desde o início da vida do ser humano, tendo elas um papel crucial na evolução da espécie. Para os autores,

*[...] Las emociones han desempenado un papel esencial en el proceso de adaptación del organismo e su contexto a lo largo de la filogénesis. La función de adaptación se ve clara en el caso del miedo. Ante un peligro que nos genera miedo, tenemos ganas de huir. La función del miedo es asegurarla sobrevivencia (p. 139).<sup>2</sup>*

---

<sup>2</sup>As emoções têm desempenhado um papel essencial no processo de adaptação do organismo ao seu contexto ao longo da filogênese. A função de adaptação é clara no caso de medo. Diante de um perigo que nos teme, temos vontade de fugir. A função do medo é garantir a sobrevivência.

De acordo com Goleman (2011, p.32):

Uma visão da natureza humana que ignore o poder das emoções é lamentavelmente míope. A própria denominação Homo sapiens, a espécie pensante, é enganosa à luz do que hoje a ciência diz acerca do lugar que as emoções ocupam em nossas vidas. Como sabemos por experiência própria, quando se trata de moldar nossas decisões e ações, a emoção pesa tanto – e às vezes muito mais – quanto a razão. Fomos longe demais quando enfatizamos o valor e a importância do puramente racional – do que mede o QI – na vida humana. Para o bem ou para o mal, quando são as emoções que dominam, o intelecto não pode nos conduzir a lugar nenhum.

Sabemos que o ser humano é um ser social que está, portanto, inserido em uma sociedade. Tal fato leva a vivenciar diversas experiências durante a sua vida que podem ser agradáveis ou desagradáveis. É necessário que o homem consiga se “adequar” às experiências pelas quais está enfrentando e, por esse motivo, é importante que compreenda e consiga ter controle sobre suas emoções, que tenha uma boa I.E.

De acordo com os autores Mayer e Salovey (1997),

[...] a inteligência emocional é a inteligência que envolve a capacidade de perceber acuradamente, avaliar e expressar emoção; a capacidade de perceber e/ou gerar sentimentos quando eles facilitam o pensamento; a capacidade de compreender a emoção; e a capacidade de controlar emoções reflexivamente, de modo a promover o crescimento emocional e intelectual (p. 15).

Segundo Queiroz (2016), com o aparecimento do conceito de I.E., criou-se uma linha específica de teorização que fundou, definitivamente, um campo de pesquisa em que as habilidades intelectivas se tornaram associadas às experiências emocionais. Resulta que a coexistência das emoções e da inteligência garante o processamento da informação de forma mais profunda, do que cada fator apresentaria sozinho.

Para Goleman (2011), a I.E. se refere a capacidade de criar motivações para si próprio e de persistir em um objetivo, apesar dos percalços; de controlar impulsos

e saber aguardar pela satisfação de seus desejos; de se manter em bom estado de espírito e de impedir que a ansiedade interfira na capacidade de raciocinar; de ser empático e autoconfiante.

É importante que o ser humano seja competente emocionalmente para que possa entender, lidar e “conviver” em harmonia com as suas emoções. Para Mayer, Salovey e Caruso (2008), o conceito de I.E. inclui a capacidade de os indivíduos recorrerem a sofisticados sistemas de processamento da informação sobre as suas emoções e as dos outros, bem como a habilidade de usarem essa informação para guiar o pensamento e o comportamento. Tais habilidades têm funções adaptativas que, potencialmente, beneficiam a si próprios e aos outros.

### 3.1 MODELOS DE INTELIGÊNCIA EMOCIONAL (I.E.)

#### 3.1.1 A I.E. como Modelo de Competências

O modelo de competências abrange um conjunto de habilidades emocionais, constituindo-se em quatro áreas: *Perceber as emoções*; *Uso das emoções para facilitar o pensamento*; *Compreender as emoções* e; *Gerir as emoções* de forma a aumentar o crescimento pessoal e as relações sociais (SALOVEY; CARUSO;MAYER, 2004).

Para Salovey et al. (2004), a *percepção emocional* envolve registrar, aceder e decifrar mensagens emocionais presentes em expressões faciais, no tom de voz, ou em artefatos culturais. O *uso das emoções* focaliza a forma como elas afetam o sistema cognitivo, podendo a eficácia ser analisada na resolução de problemas, raciocínio, tomada de decisões e esforços. *Compreender as emoções* diz respeito à capacidade de reconhecê-las, enquanto a *gestão das emoções* se refere à capacidade de fazer um uso eficaz das mesmas.

Para Tarasuik, Ciorciari e Stough (2009), este continua a ser o 'modelo teórico mais aceitável e, portanto, um modelo apropriado para discussão e, conseqüentemente, para ser usado no mapeamento dos processos biológicos.

### **3.1.2 A I.E. como um Traço de Personalidade**

Malouff e Bhullar (2009) consideram que a I.E. pode ser conceitualizada como um traço de personalidade funcional, dado incluir disposições e autopercepções relacionadas ao funcionamento emocional que, conseqüentemente, podem incluir a autoeficácia emocional.

A IE como traço (ou autoeficácia emocional) refere-se a uma constelação de disposições comportamentais e de autopercepções sobre a capacidade de reconhecer, processar e utilizar informações carregadas de emoção. Engloba várias disposições do domínio da personalidade, tais como empatia, impulsividade e agressividade, bem como elementos da inteligência social (Thorndike, 1920) e da inteligência pessoal (Gardner, 1983), os dois últimos sob a forma de competências autopercebidas (PETRIDES; FREDERICKSON; FURNHAM, 2004, p. 278, apud SOUSA; DIAS, 2011, p. 97).

Petrides (2009) afirma que os indivíduos que se percebem como emocionalmente capazes, também têm uma tendência a acreditar que são socialmente capazes, têm mais força de vontade e são globalmente mais adaptados.

### **3.1.3 A I.E. como um Modelo Misto**

O modelo misto é o mais abrangente, dado encapsular na I.E. as vertentes emocionais, sociais, competências pessoais e habilidades e capacidades não cognitivas que se podem obter a partir do uso efetivo da regulação das emoções, enfatizando uma superior

adaptação às exigências ambientais(EKERMANS, 2009, apud SOUSA;DIAS, 2011, p. 98).

O modelo misto de a I.E. se baseia nas seguintes dimensões: *Inteligência Intrapessoal; Inteligência Interpessoal; Adaptabilidade; Gestão do stress e; Humor geral*. Cada uma destas com suas competências.

Segundo Stough et al (2009), a *Inteligência Intrapessoal* inclui a autoconsciência emocional, a assertividade, o respeito por si próprio, a autoatualização e a independência. A *Inteligência Interpessoal* consiste na empatia, responsabilidade social e relações interpessoais. A *adaptabilidade*, consiste em testar a realidade, a flexibilidade e a resolução de problemas. A *gestão do stress* inclui a tolerância ao *stress* o controle dos impulsos. O *humor geral* inclui traços usualmente considerados como fazendo parte da personalidade, tais como o otimismo e a felicidade.

Cortizo e Andrade (2017) consideram que o conceito de I.E. se pauta em cinco habilidades básicas e interdependentes, denominadas: *Autoconsciência; Automotivação; Autocontrole; Empatia e; Sociabilidade*. Segundo a Febracis<sup>3</sup> essas cinco características formam os pilares que sustentam a I.E., sendo cada uma delas extremamente importante e edificadora. Entender esses pilares e aplicá-los diariamente possibilitará a construção de relações saudáveis e a tomada de decisões conscientes, evitando que o indivíduo venha a se arrepender de atos impulsivos. Tais habilidades estão detalhadas no Quadro1:

---

<sup>3</sup> Disponível em: <https://febracis.com/5-pilares-inteligencia-emocional/>, acesso em: 07/07/2020.

Quadro 1- Habilidades da Inteligência Emocional

HABILIDADES	DEFINIÇÃO
<i>Autoconsciência</i>	As pessoas mais seguras acerca de seus próprios sentimentos são melhores pilotos de suas vidas, tendo uma consciência maior de como se sentem em relação a decisões pessoais.
<i>Automotivação</i>	Pôr as emoções a serviço de uma meta é essencial para centrar a atenção, para a maestria e para a criatividade.
<i>Autocontrole</i>	As pessoas que são fracas nessa aptidão vivem constantemente lutando contra sentimentos de desespero, enquanto outras se recuperam mais rapidamente dos reveses e perturbações da vida.
<i>Empatia</i>	As pessoas empáticas estão mais sincronizadas com sutis sinais do mundo externo que indicam o que os outros precisam ou o que querem.
<i>Sociabilidade</i>	A arte de se relacionar é, em grande parte, a aptidão de lidar com as emoções dos outros. É a aptidão que reforçam a popularidade, a liderança e a eficiência interpessoal.

Fonte: Goleman (1995) apud Cortizo e Andrade (2017).

Algumas das vantagens de uma boa I.E., são:

- Diminui os níveis de ansiedade e *stress*;
- Melhora os relacionamentos interpessoais;
- Desenvolve mais empatia;
- Há maior equilíbrio emocional;
- Há maior clareza nos objetivos e ações;
- Melhora a capacidade de tomada de decisão;
- Melhora a administração do tempo e produtividade;
- Aumenta o nível de comprometimento com suas metas;
- Há mais senso de responsabilidade e uma melhor visão do futuro e;
- Aumenta a autoestima e a autoconfiança.

A partir dessas vantagens, podemos compreender o quanto é importante o desenvolvimento da I.E. para o estudante em sua carreira acadêmica.

### 3.2 A INTELIGÊNCIA EMOCIONAL (I.E.) E SEUS IMPACTOS NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

A I.E. está presente na vida do ser humano e pode ser considerada um fator essencial para o desenvolvimento de suas atividades. Ela é importante em diversos setores, como no trabalho e no ambiente acadêmico.

Para Souza e Dias (2011),

[...] o papel desempenhado pelas emoções no sucesso acadêmico tem merecido grande atenção (Parker, Saklofske, Wood e Collin 2009:239), particularmente depois de Goleman, em 1995, ter sugerido que a 'inteligência emocional (I.E.) era mais importante do que o QI para predizer o sucesso na vida, incluindo o sucesso acadêmico'(p. 101).

Muitos alunos, sejam da educação básica, média ou superior, passam por momentos difíceis durante sua vida estudantil que acabam gerando um turbilhão de emoções. Neste sentido, a I.E. não só é importante para o convívio em sociedade, para as relações afetivas, mas também na educação. Saber como controlá-las, como agir diante dessas situações, é de extrema importância para um bom desempenho acadêmico.

Segundo Goleman (1995), ter uma boa I.E. irá levar o estudante a ter maiores chances de sucesso, sendo um fator mais determinante do que o Quociente de Inteligência (QI), que era tão superestimado na época. Esta compreensão causou uma forte discussão por parte de alguns estudiosos do assunto.

Segundo Cortizo e Andrade (2017), a I.E. não é oposta ao Q.I., mas uma competência distinta. Portanto, uma competência é uma característica pessoal ou

um conjunto de hábitos que leva a um desempenho mais eficaz ou de nível mais elevado.

Em 2003, Barchard analisou o impacto da I.E. no desempenho acadêmico em uma amostra de 150 alunos do ensino superior, tendo encontrado uma associação dela e o sucesso acadêmico.

Infelizmente, para Nascimento (2012), existe um tipo de deficiência vivenciada pelos educandos atuais, a “deficiência emocional”. Pesquisas recentes afirmam que os alunos apresentam *déficits* de aptidões emocionais. Para o autor,

[...] chegou-se à conclusão de que crianças e adolescentes, mesmo possuindo um bom potencial intelectual, não rendem na escola. Uma queda nos níveis de competência emocional se manifesta através de atitudes, como: envolver-se em encrencas constantes, mentir, trapacear, discutir muito, não respeitar limites, desrespeitar as pessoas, destruir as coisas dos outros, desobedecer a regras na escola e em casa, provocar demais e não demonstrar nenhum controle emocional (p.1).

Pelo exposto, parece claro que a deficiência emocional é um dos fatores que pode prejudicar a vida acadêmica do aluno, portanto, é necessário que o mesmo busque superá-la, desenvolvendo sua I.E. Mas, seria a fé um caminho que poderia auxiliar tal desenvolvimento? Essa é uma das indagações que este trabalho buscará responder.

### 3.3 INTELIGÊNCIA EMOCIONAL (I.E.) E EDUCAÇÃO EMOCIONAL

É fato que a deficiência emocional, ou seja, a dificuldade em entender e em coordenar as emoções, pode afetar diretamente a vida do aluno, portanto, é necessário que os alunos desenvolvam a sua I.E.. Daí a importância da Educação Emocional.

Segundo Silva e Leal (2017):

[...] a educação emocional é justamente o uso das habilidades da inteligência emocional (intrapessoal e interpessoal) e sua utilização na transformação pessoal, através da consciência do seu mundo emocional e o relacionamento de si mesmo com ele, de forma harmoniosa. Oposta à competência emocional, temos a incompetência emocional, que seria justamente o déficit nessas habilidades (p. 3).

Ao ter Educação Emocional, o aluno consegue desenvolver habilidades que o auxiliará no entendimento e na coordenação das emoções, dando-lhe alicerces para que consiga desenvolver a I.E.

Segundo Wedderhoff (2001), o desenvolvimento emocional é um processo de construção pessoal, porém, altamente influenciado pelo meio. Ele se dá, fundamentalmente, em três fases:

[...] a aquisição — refere-se à expressão e à percepção das emoções, momento no qual o indivíduo, além da aquisição e prática das diferentes emoções, também dá a elas um “toque pessoal”; o refinamento — refere-se às modificações das emoções, principalmente em função do seu meio social e cultural — pode refletir tanto um aguçamento de emoções, quanto um afastamento em relação a um comportamento específico; as transformações — referem-se às mudanças nos sistemas de processamento das emoções, como na forma de pensar ou reagir diante de determinada situação (p.4).

Quando conseguimos interagir harmonicamente com as nossas emoções, podemos desenvolver a capacidade de voltar ao equilíbrio emocional após um trauma ou situação de *stress*, ou seja, podemos desenvolver a nossa Resiliência. Será sobre este assunto que trataremos em nosso próximo capítulo.

## 4 RESILIÊNCIA

O conceito de Resiliência, originalmente vem da Física e da Engenharia e se refere à propriedade que alguns corpos apresentam de retornar à forma original, após terem sido submetidos a uma deformação elástica. Tavares (2001) complementa que esta definição, física e mecânica da Resiliência, expandiu-se para outras áreas. Na Medicina, por exemplo, refere-se à capacidade do indivíduo de resistir a uma enfermidade e na Psicologia e na Sociologia, à capacidade de uma pessoa ou grupo resistirem a determinadas adversidades. Ou seja,

[...] o termo resiliência tem sua origem na Física e Engenharia, sendo um dos seus precursores o inglês Thomas Young. Nesta área, resiliência é a capacidade de um material para receber uma energia de deformação sem sofrê-la de modo permanente.

Já nas ciências humanas, poderíamos definir inicialmente resiliência como a capacidade que alguns indivíduos apresentam de superar as adversidades da vida(TABOADA; LEGAL; MACHADO, 2006, p. 3).

Para Yunes e Szymanski (2001, p. 16), “a psicologia, na verdade, apropriou-se de um conceito construído dentro de um modelo matemático e há de haver cautela para que não ocorram comparações indevidas”. Não há como comparar a resiliência de materiais com a resiliência como um processo psicológico, até porque o conceito de deformação em Física e em Psicologia são incomparáveis.

Junqueira e Deslandes (2003) destacam uma importante diferença entre a resiliência estudada pela Física e aquela pela Psicologia no que diz respeito ao retorno do objeto, ou pessoa, ao estado anterior à pressão sofrida. A resiliência, para a psicologia, em algumas de suas conceituações, envolve algo além do retorno ao que se era antes, pois abrange um crescimento a partir da superação da pressão.

Pessoas resilientes estão mais aptas para confiar em si mesmas, em suas capacidades de conduzir e enfrentar os desafios que a vida impõe, já que: “de modo geral a resiliência é definida como a capacidade humana de superar as adversidades”(TABOADA; LEGAL; MACHADO, 2006, p. 3).

De acordo com Deslandes e Junqueira (2003), a definição de Resiliência está dividida em três pólos temáticos principais, são eles: Resiliência enquanto um processo de adaptação *versus* superação; Resiliência enquanto um fator inato *versus* fator adquirido, e; Resiliência como algo circunstancial *versus* característica permanente.

#### 4.1 ADAPTAÇÃO X SUPERAÇÃO

Podemos analisar a Resiliência através de dois vieses: o primeiro como “apesar da adversidade” e o segundo como “através da adversidade”. O primeiro nos sugere que o indivíduo tende a buscar o equilíbrio que foi rompido devido à adversidade.

Pensar na resiliência pelo viés "apesar da adversidade" nos remete a um esforço do sujeito manter suas características anteriores ao conflito assistido (adaptação), ou ainda, retornar ao estado de equilíbrio (homeostase/alostase) anterior (*bounceback*) (TABOADA; LEGAL; MACHADO, 2006, p. 5).

Essa capacidade seria fruto tanto de características pessoais, quanto ao estabelecimento de vínculos afetivos e de confiança destes com o meio. Assim, o indivíduo consegue extrair algum aprendizado diante da adversidade, conseguindo desenvolver comportamentos adaptados.

O segundo viés, “através da adversidade”, nos remete a crer que o ser humano possui “habilidades” que podem ser tanto desenvolvidas pela Resiliência, quanto proporcionadoras da Resiliência.” A Resiliência atua de tal forma que o sujeito é caracterizado por um conjunto de qualidades, ora resultantes do processo resiliente, ora propiciadores do mesmo” (TABOADA; LEGAL; MACHADO, 2006, p. 5).

Neste pólo temático, a Resiliência, portanto, é vista como uma forma de superar obstáculos, construindo uma identidade fortalecida (superação). Logo:

[...] a resiliência enquanto modo de superação de situações conflitantes traz consigo a possibilidade de a experiência traumática ser elaborada simbolicamente, para que, futuramente, sirva como subsídio para novas situações estressantes (DESLANDES; JUNQUEIRA, 2003, p.229).

#### 4.2 FATOR INATO X FATOR ADQUIRIDO

Antes de tudo, vamos realizar o seguinte questionamento: Seria a Resiliência um componente, uma força, uma característica intrínseca da natureza humana, ou seja, inata, hereditária, constituída pelos nossos genes? Ou ela seria construída socialmente, cabendo ao ambiente estimulá-la e desenvolvê-la?

Sabemos que o embate entre o que é inato e o que é adquirido é observado desde os primórdios de diversas áreas das ciências.

Pesquisas que focam capacidades e habilidades de um sujeito de forma descontextualizada e que partem do ponto onde a resiliência é considerada enquanto um traço ou uma característica de personalidade estariam mais propensas a identificar fatores inatos no processo resiliente.

Já as teorias que focam o meio social enquanto criador tanto do próprio discurso científico (enquanto favorecedor de determinados pensamentos ideológicos), quanto das práticas sociais cotidianas, tendem a afirmar que a resiliência se caracteriza por ser uma habilidade social que pode (e deve) ser aprendida e estimulada (TABOADA; LEGAL; MACHADO, 2006, p. 6).

Contudo, atualmente, grande parte da comunidade acadêmica aceita a tese de que os fatores sociais e vivências do indivíduo podem fortalecer e incitar um maior desenvolvimento da capacidade resiliente do mesmo.

### 4.3 CARACTERÍSTICA PERMANENTE X ALGO CIRCUNSTANCIAL

Thompson (2003) considera que quando entendemos a Resiliência enquanto uma característica permanente estamos lidando com um traço de personalidade que, teoricamente, se mantém ao longo da vida, fazendo com que o indivíduo identificado como Resiliente possa se recuperar rapidamente de qualquer experiência traumática que, porventura, venha a ocorrer.

Outro modo de entender a Resiliência se encontra no foco circunstancial. Nele, a Resiliência é tida como uma força, uma estratégia, um conjunto de habilidades utilizado em determinado contexto, por determinado indivíduo, para lidar com determinada adversidade. Segundo Yunes e Szymanski (2001), não se trata de ser ou não resiliente, pois Resiliência não é uma característica de personalidade, mas sim um conjunto de ações movidas por determinados pensamentos e atitudes relativos ao momento.

Nesse sentido, não podemos falar de indivíduos resilientes, mas de uma capacidade do sujeito de, em determinados momentos e de acordo com as circunstâncias, lidar com a adversidade, não sucumbindo a ela (DESLANDES; JUNQUEIRA, 2003, p.229).

Segundo Taboada, Legal e Machado (2006), atualmente há uma tendência por parte de alguns pesquisadores de Resiliência serem mais favoráveis a uma compreensão dela enquanto habilidade manifesta em determinado contexto com determinadas características, abandonando ideias como "personalidade resiliente". Para que possamos compreender melhor o conceito em questão, é importante entendermos o conceito de *stress* o qual está inteiramente conectado à Resiliência.

Ballone (2002), Sarda, Legal e Jablonski (2004) concordam que o *stress* pode ser entendido como um conjunto de alterações acontecidas em um organismo, em resposta a um determinado estímulo capaz de colocá-lo sob tensão. Para Taboada, Legal e Machado (2006), a tensão causada pelo *stress*, por sua vez, gera uma série de respostas psicofisiológicas que têm por função atuar no evento causador de

*stress* e restabelecer o equilíbrio do organismo. Portanto, o *stress* é uma resposta adaptativa, pois motiva para a ação. Mas, qual a conexão entre *stress* e Resiliência?

Segundo Guzzo e Trombeta (2002), a definição base da Resiliência traz a questão da adaptação/superação frente a situações de *stress*/adversidade. Ameaças, sofrimentos, perigos, fatores de risco são geralmente chamados pelos autores de "experiências estressantes" ou de "condições adversas".

Portanto, a Resiliência seria a capacidade de lidarmos com situações estressantes de modo que o estressor deixe de ser encarado como tal. Tal situação capacitaria o indivíduo a lidar de maneira mais satisfatória com futuras situações de *stress*. Seguindo este mesmo raciocínio, Deslandes e Junqueira (2003) consideram que "uma situação de sofrimento ou conflito pode fortalecer o jovem diante de outras situações semelhantes, gerando-lhe um menor nível de estresse"(p.227).

#### 4.4 FATORES DE RISCO

Existem na literatura os chamados "fatores de risco", os quais estão intimamente relacionados ao *stress* e, portanto, também à Resiliência. São considerados fatores de risco, os acontecimentos que podem gerar problemas físicos, emocionais e sociais. De modo geral, "fator de risco" pode ser definido como: "[...]toda a sorte de eventos negativos da vida e que, quando presentes, aumentam a probabilidade de o indivíduo apresentar problemas físicos, sociais ou emocionais"(YUNES;SZYMANSKI, 2001, p.24).

#### 4.5 FATORES DE PROTEÇÃO

Paralelamente aos “fatores de risco”, existem os chamados “fatores de proteção”. Deslandes e Junqueira (2003) apontam que “proteção” é o conjunto de influências que modificam e melhoram a resposta de um indivíduo quando este está exposto a algum perigo que o predispõe a um resultado não adaptativo. Tusaie e Dyer (2004) definem fatores de proteção como aqueles capazes de proteger os indivíduos em situação de risco, dos efeitos negativos da mesma.

#### 4.6 VULNERABILIDADE

Yunes e Szymanski (2001) destacam que falar em vulnerabilidade é ser e ferir às predisposições a desordens ou de susceptibilidade ao *stress*. Já Garcia(2001) define vulnerabilidade como o aumento da probabilidade de um fator de risco causar, de fato, um resultado negativo.

Assim como os fatores de proteção, o conceito de vulnerabilidade também está diretamente relacionado com a situação de risco. Identificar se um indivíduo se apresenta vulnerável ou não implica conhecer as características pessoais do mesmo, do ambiente em que está inserido e, principalmente, do fator de risco e de proteção (se presente) envolvidos (TABOADA; LEGAL; MACHADO, 2006, p.7).

Como já exposto, os fatores de risco são aqueles que aumentam a probabilidade de um indivíduo apresentar comportamentos negativos e mal adaptados durante seu desenvolvimento, enquanto os fatores de proteção auxiliam na diminuição (ou mesmo eliminação) da probabilidade de influências negativas advindas do risco. Já a vulnerabilidade, a princípio, pode ser entendida como sendo

uma situação oposta aos fatores de proteção, pois ela aumenta as chances de um indivíduo apresentar distúrbios comportamentais frente ao risco.

#### 4.7 RESILIÊNCIA E EDUCAÇÃO

Como bem sabemos, o processo de ensino e aprendizagem não é algo simples. O aluno, como ser ativo neste processo, é formado por diversas instâncias, como já citado neste trabalho. Portanto, diversos acontecimentos que ocorrem na vida do mesmo podem afetar significativamente o seu aprendizado, daí nos parece claro a importância da Resiliência para a Educação.

Na área da Educação, a Resiliência passa a ser entendida, segundo Tavares (2001), como uma possibilidade de desenvolvimento do indivíduo, que lhe permita ser um agente no processo de transformação e otimização do seu meio. A autora ressalta que se faz necessário implementar, e desenvolver, durante a formação de alunos e professores, estruturas, processos e atitudes que os auxiliem a serem mais resilientes para que possam contribuir ativamente com a sociedade.

Henderson e Milstein (2005, p. 26 apud FAJARDO; MINAYO; MOREIRA, 2010, p. 770) salientam que a Resiliência, no ambiente escolar, pode contribuir para: a criação de vínculos sociais entre professores e alunos; para o fortalecimento da saúde dos professores e alunos e; para estimular a relação dialógica voltada à resolução de conflitos. Por isto, investindo na Resiliência do professor a escola estará fomentando o êxito escolar e social também dos alunos.

Atualmente vários estudiosos estão aprofundando suas pesquisas a partir de uma constatação inegável: A educação oferecida às crianças tem imensa influência no desenvolvimento de certas qualidades que a maioria das pessoas possui, mas que precisam ser corretamente estimuladas e vivenciadas no dia a dia, como a Resiliência, por exemplo. É o modelo, o exemplo, e os princípios educacionais que fazem a diferença na hora de reagir frente a uma situação de perda, frustração e dor. Sendo assim, fortalecer a Resiliência é de suma importância para a Educação,

visto que por meio dela o aluno, nas diversas áreas e níveis educacionais, possivelmente conseguirá lidar com as frustrações que o mundo acadêmico pode, em alguns casos, gerar.

A seguir, apresentaremos a metodologia utilizada neste trabalho.

## 5 METODOLOGIA

De acordo com Gerhard e Silveira (2009), a metodologia em uma pesquisa Científica:

[...] vai além da descrição dos procedimentos (métodos e técnicas a serem utilizados na pesquisa), indicando a escolha teórica realizada pelo pesquisador para abordar o objeto de estudo (p.13).

### 5.1 CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA

A cerca da pesquisa Científica, segundo Manzato e Santos (2012), trata-se de “uma atividade voltada para a solução de problemas teóricos ou práticos com o emprego de processos científicos.” A pesquisa, porém, não é a única forma de obtenção de conhecimentos e descobertas. Outros meios de acesso ao saber que dispensam o uso de processos científicos, embora válidos, não podem ser enquadrados como tarefas de pesquisa.

Os mesmos autores consideram que a pesquisa Científica pode ser fragmentada em três classificações: Pesquisa *descritiva*, *bibliográfica* e *experimental*.

A pesquisa *descritiva* observa, registra, analisa e correlaciona fatos ou fenômenos (variáveis), sem manipulá-los. Procura descobrir, com a máxima precisão, a frequência com que um fenômeno ocorre, sua relação e conexão com outros, sua natureza e características.

A pesquisa *bibliográfica*:

[...]procura explicar um problema a partir de referências teóricas publicadas em documentos. Pode ser realizada independentemente ou como parte de pesquisa descritiva ou experimental. Em ambos os casos, busca conhecer e analisar as contribuições culturais ou científicas do passado existentes sobre um determinado assunto, tema ou problema (MANZATO; SANTOS, 2012, p.4).

Já a pesquisa *experimental*, caracteriza-se por manipular diretamente as variáveis relacionadas ao objeto de estudo.

Nesse tipo de pesquisa, a manipulação das variáveis proporciona o estudo da relação entre causas e efeitos de um determinado fenômeno. Com a criação de situações de controle, procura-se evitar a interferência de variáveis intervenientes. Interfere-se diretamente na realidade, manipulando-se a variável independente a fim de se observar o que acontece com a dependente (Idem,2012, p.5).

Enquanto a pesquisa descritiva procura classificar, explicar e interpretar os fenômenos que ocorrem, a pesquisa experimental pretende dizer de que modo ou por que causas o fenômeno é produzido.

A nossa pesquisa é de caráter descritivo, pois buscaremos correlacionar os conceitos de Fé, Inteligência Emocional e Resiliência sem que haja algum tipo de intervenção.

## 5.2 ASPECTOS DOS MÉTODOS QUALITATIVOS E QUANTITATIVOS

Para Moreira (2002), a pesquisa qualitativa apresenta algumas características principais, são elas:

- 1) Foco na descrição e interpretação dos fenômenos;
- 2) A subjetividade é um dos principais pontos, os significados são de acordo com o ponto de vista dos participantes;
- 3) A pesquisa possui interesse no processo e não apenas no resultado;
- 4) A pesquisa sofre influência da situação.

Já a abordagem quantitativa, segundo Silva (2010), surgiu das ciências naturais decorrentes do positivismo, que foi um pensamento influente durante o século XIX. De acordo com esta teoria, a ciência era o único meio para se obter um conhecimento verdadeiro, estando em um patamar mais elevado frente aos outros tipos de conhecimento.

Ela utiliza diferentes técnicas estatísticas para quantificar opiniões e informações para um determinado estudo. E permite controlar diversas variáveis e identificar influências, além de identificar possíveis causas para teste em estudos experimentais.

Segundo Günther (2006) a pesquisa quantitativa apresenta as seguintes características:

- 1) Os dados obtidos são analisados por uma linguagem matemática seja ela estatística ou probabilística;
- 2) Há influências de crenças e valores no processo de investigação;
- 3) Os sentimentos e percepções do pesquisador não são relevantes para a pesquisa;
- 4) O pesquisador possui controle sobre o contexto, com o objetivo de diminuir as variáveis que interferem na pesquisa.

Para Fonseca (2002, p. 20), na pesquisa quantitativa:

[...]diferentemente da pesquisa qualitativa, os resultados [...] podem ser quantificados. Como as amostras geralmente são grandes e consideradas representativas da população, os resultados são tomados como se constituíssem um retrato real de toda a população alvo da pesquisa. [...]Influenciada pelo positivismo, considera que a realidade só pode ser compreendida com base na análise de dados brutos, recolhidos com o auxílio de instrumentos padronizados e neutros. A pesquisa quantitativa recorre à linguagem matemática para descrever as causas de um fenômeno, as relações entre variáveis, etc. A utilização conjunta da pesquisa qualitativa e quantitativa permite recolher mais informações do que se poderia conseguir isoladamente.

De acordo com Galvão, Pluye e Ricarte (2017):

Pesquisas com métodos qualitativos fornecem descrições detalhadas de fenômenos complexos, incluindo seus aspectos contextuais, ou focam em análises aprofundadas envolvendo poucos indivíduos. Desse modo, seus resultados não são generalizáveis. Já, as pesquisas com métodos quantitativos costumam examinar a associação entre variáveis que podem ser generalizadas para uma população por meio de inferências estatísticas. Focam na análise de grandes amostras, porém seus achados não levam à compreensão de processos individuais (p. 8).

Já na pesquisa mista, ainda segundo estes autores, combinam-se os métodos de pesquisa qualitativos e quantitativos e tem por objetivo generalizar os resultados qualitativos, ou aprofundar a compreensão dos resultados quantitativos. Para Johnson, Onwuegbuzie e Turner (2007) e Pluye (2012), uma pesquisa que empregue métodos mistos geralmente é desenvolvida por um grupo de pesquisadores que possuem diferentes habilidades e competências em pesquisa e que podem aplicar, com coerência e precisão, diferentes métodos.

A pesquisa qualitativa apresenta características distintas da quantitativa, no entanto, quando há uma pesquisa quanti-qualitativa elas se complementam.

Este trabalho possui caráter de pesquisa Mista, ou seja, qualitativa e quantitativa, porque estão presentes aspectos de ambos tipos de pesquisa.

### 5.3 LOCAL PERÍODO E AMOSTRA

Para o presente estudo realizamos uma pesquisa com graduandos de Física-Licenciatura da UFPE/CAA. Ela foi realizada durante o mês de Novembro de 2019 e contou com 40 participantes, matriculados do segundo ao oitavo período do curso.

O curso de Física-Licenciatura da UFPE/CAA é ofertado na região do agreste Pernambucano. Grande parte dos graduandos residem em cidades um pouco afastadas, e todos os dias enfrentam um percurso de horas para chegar até o campus. O referido curso conta com 251 alunos e tem uma elevada taxa de reprovação e de desistência em relação aos demais cursos do campus e é visto pelos universitários que ali estudam, como um curso árduo, complexo e difícil de concluir.

#### 5.4 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS DE COLETA DOS DADOS

Foram utilizados questionários do tipo semi aberto, ou seja, contendo tanto perguntas do tipo múltiplas escolhas (32), quanto perguntas abertas (quatro) (APÊNDICE A). Parte das perguntas foi utilizada como forma de obter o nível de I.E. e Resiliência através de *scories*, relacionados a uma alternativa da pergunta.

Apesar de os alunos não terem assinado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), na ocasião da aplicação dos questionários, informamos a importância da pesquisa e asseguramos o sigilo das suas identidades.

O questionário foi entregue aos alunos durante o turno da noite, em suas respectivas salas de aula, na UFPE/CAA. Entregamos 90 questionários, porém, infelizmente, só obtivemos retorno de 40. Grande parte dos que foram respondidos foram devolvidos poucas horas após serem entregues, já que alguns participantes ainda estavam assistindo aula. Apenas poucos questionários foram devolvidos no dia seguinte.

## 5.5 A ANÁLISE DOS DADOS

De acordo com Gil (1999):

A análise tem como objetivo organizar e resumir os dados de tal forma que possibilitem o fornecimento de respostas ao problema proposto para investigação. Já a interpretação tem como objetivo a procura do sentido mais amplo das respostas, o que é feito mediante sua ligação a outros conhecimentos anteriormente obtidos (p. 168).

Ou seja, a análise de dados é o processo de formação de sentido além dos dados, e esta formação se dá consolidando, limitando e interpretando o que as pessoas disseram e o que o pesquisador viu e leu, isto é, implica em um processo de formação de significado.

Analisamos os dados obtidos de acordo com a Análise de Conteúdo, segundo Bardin(1979). Este tipo de análise pode ser definido como:

Um conjunto de técnicas de análise de comunicação visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo, mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens (BARDIN, 1979,p. 42).

A Teoria da Análise do Conteúdo de Bardin (2016) está dividida em três fases: A *pré-análise*, a *exploração do material* e o *tratamento dos resultados*.

1) A *pré-análise* consistiu na organização dos dados obtidos em campo;

2) A *exploração do material* ocorreu quando as respostas de cada questão foram separadas e comparadas, como também quando classificamos os níveis de Resiliência e de Inteligência Emocional dos entrevistados, além de também termos separado os alunos que possuíam fé dos que afirmaram que não possuíam;

3) O *tratamento dos resultados* se deu a partir da Interpretação das respostas contidas no questionário, quando atribuímos significados, para então estabelecermos e construirmos os gráficos.

No próximo capítulo abordaremos os dados obtidos e as discussões sobre os nossos achados.

## 6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Conforme informamos no capítulo de nossa Metodologia, aplicamos 40 questionários, composto por 36 perguntas, nas turmas do segundo ao oitavo período do curso de Física Licenciatura, da UFPE/CAA, no mês de novembro, do ano de 2019. A seguir, apresentaremos nossa análise dos dados, através da apresentação de 66 recortes, reunidos em 18 Categorias Temáticas (BARDIN, 1979) e também através da interpretação de gráficos e de tabelas.

### 1ª questão

A nossa primeira pergunta era do tipo aberta e foi: “O que significa fé para você?” Podemos destacar, nas respostas que selecionamos, pensamentos distintos sobre a concepção de fé e os apresentaremos a seguir, separados por três categorias temáticas.

#### *Categoria 1 – Imparcialidade na definição do conceito de fé:*

Do recorte 1 até o 5, podemos perceber respostas mais genéricas, sem exposição de opiniões pessoais e/ou sem se comprometer:

Recorte 1: *“De forma prática e básica: Capacidade humana de crer em um algo que seus sentidos em geral não conseguem perceber”*

Recorte 2: *“É acreditar naquilo que não se pode ver, mas que se pode sentir”*

Recorte 3: *“Você depositar suas crenças em alguma coisa”*

Recorte 4: *“Certeza do que não se pode ver”*

Recorte 5: *“Acreditar na existência do místico em nossas vidas”*

Estes recortes dialogam com o pensamento de Oliveira (2014), que afirma que:

Na Antiguidade, como não conseguisse explicar a Natureza e os fenômenos naturais, o homem dava nomes ao que não podia explicar e passava a considerar os fenômenos como "deuses". Assim, o trovão inspirava um deus, a chuva outro; o céu era um deus pai e a terra, uma deusa mãe e os demais seres, seus filhos (p. 1).

*Categoria Temática 2 – Associação da fé a algo positivo.*

Os recortes 6, 7, 8 e 9 se enquadram nesta categoria temática.

Recorte 6: *“Um sentimento evocativo de esperança e, por vezes, reconfortante e gerador de auto estima”*

Recorte7: *“Fé é acreditar que aquele que nos criou nos assiste em toda a vida. É confiar que seus planos são os melhores para nós”*

Recorte 8: *“Acreditar que tudo é possível”*

Recorte 9: *“Primeira virtude humana, o poder do espírito humano”*

Nesta categoria podemos perceber uma convergência com o pensamento de Martins (2017) a respeito da fé, quando o mesmo afirma que:

A fé, em sua essência, está profundamente enraizada na expectativa de coisas boas por vir. Isso vai além da esperança. Embora grande parte da esperança está na mente, a fé está mergulhada no coração e no espírito. Isso não pode ser explicado pela razão ou lógica, ou ser compreendido através de uma única dimensão (p.1).

*Categoria Temática 3–Visão Pessimista da fé*

No recorte 10 um aluno participante afirmou que, juntamente a esperança, a fé seria considerada um dos piores males.

Recorte 10: *“O pior dos males, tal como a esperança”*

Tal resposta nos mostra uma grande divergência do conceito defendido por Marquesólo (2016), quando afirma que a fé:

[...] é algo que anima afetivamente as pessoas, um comportamento que faz o indivíduo se sentir motivado a atravessar uma situação de grande dificuldade, por exemplo. Independente de crenças, a fé faz com que a pessoa tenha esperança que algo melhor estaria por vir. Muitas vezes as decisões são encorajadas pelo fato de se ter fé, esperança e acreditar em algo, fazendo assim com que tenha a motivação de sempre seguir em frente (p.1).

## 2ª questão

Na segunda questão perguntamos qual o conceito de I.E. e selecionamos algumas categorias temáticas, ilustradas nos recortes apresentados a seguir:

Questão 2: “O que significa Inteligência Emocional para você?”

*Categoria Temática 4 - Relacionada ao controle das situações*

Recorte11: “*Saber controlar emoções e sentidos*”

Recorte 12: “*Um conjunto de habilidades e aperfeiçoamentos que nos permite controlar ou pelo menos estabilizar nossos sentimentos*”

Recorte 13: “*Saber controlar suas emoções e se manter tranquilo*”

Recorte 14: “*Saber lidar com certas emoções de uma forma que não deixa as emoções tomarem conta*”

Recorte 15: “*Ter um bom relacionamento com as próprias emoções, evitando que as mesmas interfiram de forma negativa no plano material*”

Recorte 16: “*Você saber lidar com seu estado emocional e não permitir que ele interfira, quando não desejado*”

Recorte 17: “*Saber lidar com as situações diversas, tentando manter-se centrado para a busca de uma solução satisfatória*”

Destacamos que nos Recortes16 e 17, houve uma menção à existência de situações e emoções adversas que necessitariam ser adequadamente confrontadas e compreendidas.

*Categoria Temática 5 - Refere-se não apenas ao autoconhecimento, mas também à possibilidade de compreender as reações emocionais dos outros.*

Segundo Goleman (2007) a Inteligência Intrapessoal é definida como a capacidade de conhecer a si mesmo, e utilizar plenamente as próprias competências, já a Inteligência Interpessoal seria a capacidade de reconhecer emoções nos outros. Os recortes 18 e 19 representam bem esta categoria.

Recorte 18: *“Capacidade humana de identificar, tratar, expressar, administrar e se dar com os fatores emocionais pessoais e coletivos”*

Recorte 19: *“Capacidade de reconhecer suas emoções e as emoções dos outros”*

Apenas uma resposta nos pareceu bem inadequada, quando, no Recorte 20, o aluno considerou que a IE seria:

Recorte 20: *“Tudo aquilo que não está ligado ao emocional”*

Como exceção do Recorte 20, portanto, podemos supor que os alunos possuíam um bom entendimento quanto ao conceito de IE. Alguns de forma mais básica, outros de modo mais sofisticada, porém, podemos perceber que os entrevistados compreendem o conceito, já que, de acordo com os autores Salovey e Sluyter (1999),

[...] inteligência emocional é a inteligência que envolve a capacidade de perceber acuradamente, avaliar e expressar emoção; a capacidade de perceber e/ou gerar sentimentos quando eles facilitam o pensamento; a capacidade de compreender a emoção; e a capacidade de controlar emoções reflexivamente, de modo a promover o crescimento emocional e intelectual (p. 39).

### **3ª questão**

No que diz respeito à Questão 3: “O que significa Resiliência para você?” encontramos, dos recortes 21 até o 28, uma 6ª Categoria Temática, a saber:

*Categoria Temática 6 –Associação da Resiliência a alguma adversidade e também à capacidade de adaptação:*

Recorte 21: *“Capacidade de, mesmo na adversidade, se manter firme.”*

Recorte 22: *“É a capacidade que temos para vencer os obstáculos que nos é proposto”*

Recorte 23: *“É a atuação da inteligência emocional, de forma positiva, sob circunstâncias adversas”*

Recorte 24: *“Adaptação a um evento não desejado”*

Recorte 25: *“É uma resistência psicológica pré-desenvolvida ou em estado de desenvolvimento que nos capacita a aguentar os perrengues da vida”*

Recorte 26: *“É a capacidade de vencer dificuldades ou problemas na condição de você se autorespeitar e respeitar os outros”*

Recorte 27: *“É a capacidade de se adaptar e não ser abalado por mudanças externas”*

Recorte 28: *“É a capacidade de se adaptar às mudanças”*

Estes recortes estão em sintonia com os estudos de Taboada, Legal e Machado (2006, p. 3), que afirmam que “de modo geral a resiliência é definida como a capacidade humana de superar as adversidades”.

Vale destacar que em nenhum destes recortes houve a compreensão explícita de que, ao se enfrentar uma dificuldade, é possível nos transformarmos para melhor, como também não houve nenhum recorte que registrasse que as pessoas voltariam a ser como antes, após vivenciar uma adversidade (conforme o conceito original de Resiliência, presente na Física e na Engenharia, apontado em nosso capítulo da fundamentação teórica).

Os recortes 29 e 30 apresentaram compreensões mais distanciadas do que encontramos na literatura. O primeiro recorte não expressou qualquer peculiaridade em relação à temática pesquisada e o segundo trouxe um aspecto que pode ser contemplado em pessoas fortemente resilientes, a empatia, mas sem dúvida não a

representa, efetivamente. Por este motivo, não os enquadrámos em qualquer categoria temática. Eis, a seguir, os recortes que acabámos de comentar:

Recorte 29: *“É acreditar naquilo que não se pode ver, mas que se pode sentir”*

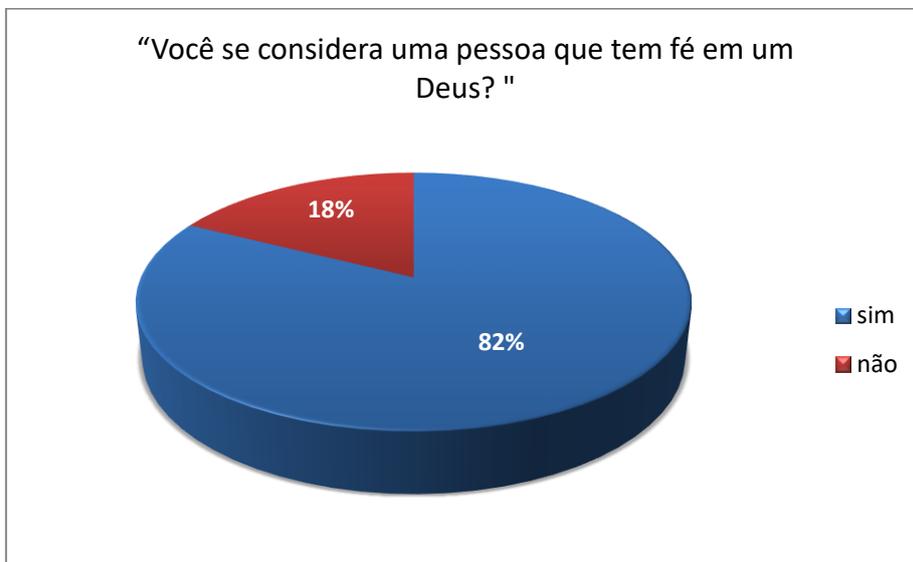
Recorte 30: *“Se colocar no lugar do outro”*

Para fins didáticos, iremos juntar a apresentação das respostas às perguntas quatro, cinco e seis (expostas nos Gráficos 1, 2 e 3), para em seguida apresentarmos as nossas discussões.

#### 4ª questão

A quarta pergunta era do tipo de múltipla escolha: “Você se considera uma pessoa que tem fé em um Deus?” Como pode ser observado no Gráfico 1, 82 % dos participantes responderam “sim”, 18% responderam “não”.

Gráfico 1: Respostas dadas à quarta questão.



Fonte: Elaborado pelo Autor (2020)

Depois, os participantes eram convidados a justificar as suas respostas:

Apresentaremos alguns recortes dos que afirmaram crer em um Deus, separados por categorias temáticas:

*Categoria Temática 7- Deus como criador e como regente da vida:*

Recorte 31: *“Eu creio em um ser supremo que está por trás de toda criação”*

Recorte 32: *“Eu acredito que ele nos deu a vida e a liberdade”*

Recorte 33: *“Sou católico, devoto de Maria e, para mim, Deus rege minha vida”*

Recorte 34: *“Sem ele, eu não estaria aqui”*

Recorte 35: *“Sim, acredito que existe uma força que faz levar-me para frente”*

As respostas obtidas na Categoria Temática 7 são consonantes com o apontado por Baia (2016), quando considera que:

Fé ou confiança em Deus é acreditar numa força superior que é soberana a tudo e a todos. Ao contemplar a natureza ou buscar sentir sua imensidão e beleza intencional, além de perceber o brilho no rosto de uma criança quando desenvolvemos alguma ação social é muitas vezes o modo como externamos a nossa fé.[...] Hoje já está comprovado cientificamente que tais atitudes, em geral, promovem a sensação indescritível de bem-estar que, por sua vez, promovem o fortalecimento do sistema imunológico (p.1).

*Categoria Temática 8- Deus apenas como Ser superior:*

Recorte 36: *“Eu acredito na existência de um Ser superior”*

Recorte 37: *“Acredito e já tive experiência”*

Apresentaremos alguns recortes dos que não afirmaram crer em um Deus, com suas respectivas categorias temáticas:

*Categoria Temática 9- Deus imperceptível:*

Recorte 38: *“Nunca tive uma experiência espiritual. E não acredito em algo que não possa provar de maneira convincente para qualquer pessoa que exista.”*

Recorte 39: *“Não o sinto, porém se torna difícil ter fé em algo que não se torna fisicamente ou psicologicamente”*

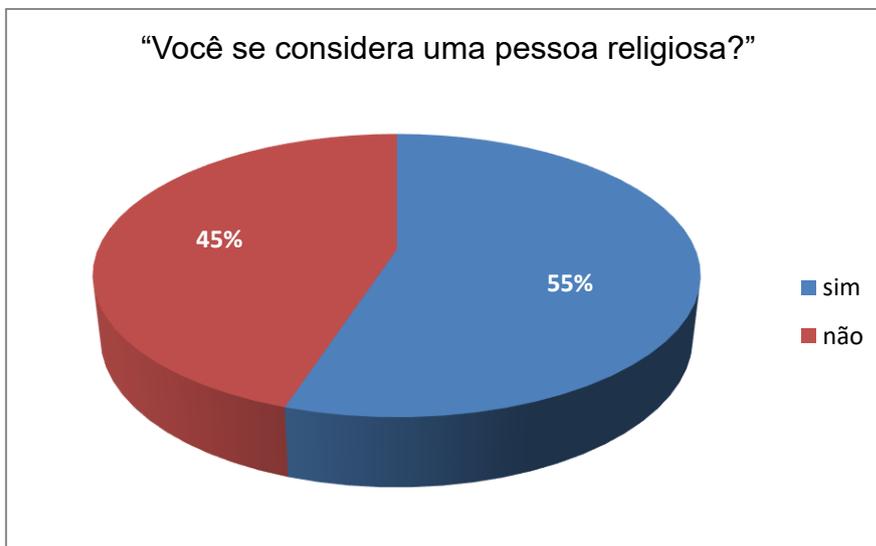
Recorte 40: *“A despeito de ser tentadora, e até confortável, a ideia de divindade absoluta (Deus) me é inconsistente ante o que me cerca, seja no mundo objetivo ou subjetivo.”*

Recorte 41: *“Não consigo ter fé, embora queira muito”*

### 5ª questão

A quinta pergunta presente no questionário era: “Você se considera uma pessoa religiosa?” Como podemos observar no Gráfico 2, 55% responderam que “sim”, e 45% consideraram que “não”.

Gráfico 2: Respostas dadas à quinta questão.



Fonte: Elaborado pelo Autor (2020)

## 6ª questão

A nossa sexta pergunta era um desdobramento da quinta, e foi: “Se sim, qual a sua religião?” Algumas respostas foram classificadas em apenas uma Categoria Temática, a de número 10:

Categoria Temática 10–*Cristianismo*:

Recorte 42: “*Sou batizado na evangélica e católica.*”

Recorte 43: “*Evangélica*”

Recorte 44: “*Cristianismo protestante*”

Recorte 45: “*Cristão*”

Recorte 46: “*Católica*”

Recorte 47: “*Cristianismo, a igreja de Jesus Cristo dos Santos dos últimos dias*”

A maioria dos entrevistados afirmou ser adepta ao Cristianismo. Segundo Souza (2012), no censo realizado no ano de 2000, aproximadamente 89,5% dos Brasileiros são cristãos.

## 7ª questão

A sétima pergunta abordava se os participantes acreditavam que a fé em um Deus poderia ajudar no enfrentamento de dificuldades (Gráfico 3) e, como é possível observar, a grande maioria (70%) disse que “sim”, enquanto 5% considerou que “não” e 25% responderam “talvez”.

Gráfico 3: Respostas dadas à sétima questão.



Fonte: Elaborado pelo Autor (2020).

Foi solicitado que os alunos justificassem as suas respostas e algumas delas estão expostas a seguir, separadas em categorias temáticas da 11 até 14:

Categoria Temática 11- A fé como geradora de *esperança e fortalecimento*:

Recorte 48: “Às vezes a crença em Deus dá sentido e esperança à vida, as pessoas que acreditam, e faz com que elas superem suas dificuldades”

Recorte 49: “A fé nos traz esperança e isso nos motiva a seguir em frente em meio às dificuldades. Independente delas serem grandes ou pequenas”

Recorte 50: “Tendo em vista que essa pessoa acredita verdadeiramente que não será abandonada verdadeiramente por seu Deus, então, sua fé irá fortalecê-la nas adversidades”

Recorte 51: “Muitas vezes temos em quem nos apegar e a fé em dias melhores e nas promessas do senhor, nos faz continuar”

A Categoria Temática 11 está de acordo com a ideia de Marquesólo (2016), que considera que a fé:

[...] é algo que anima afetivamente as pessoas, um comportamento que faz o indivíduo se sentir motivado a atravessar uma situação de grande dificuldade, por exemplo. Independente de crenças, a fé faz com que a pessoa tenha esperança que algo melhor estaria por vir. Muitas vezes as decisões são encorajadas pelo fato de se ter fé, esperança e acreditar em algo, fazendo assim com que tenha a motivação de sempre seguir em frente (p.1).

Categoria Temática 12–A não contribuição da fé no enfrentamento das adversidades:

Recorte 52: *“Eu acredito que todo o nosso destino já vem pronto e que tudo que venha a acontecer já está planejado”*

A partir das respostas obtidas até agora no questionário (Gráficos 1 e 2), podemos perceber que uma grande parte dos graduandos participantes de nossa pesquisa, matriculados no curso de Física da UFPE/CAA, acreditavam na existência de um ser espiritual superior(82%), porém, quando se trata de ser religioso, ou seja, de frequentar e seguir dogmas de uma determinada religião, esse número cai consideravelmente(55%)<sup>4</sup>.

Martins (2017, p.3), contudo, destaca a importância de ser membro de alguma religião.

[...]a experiência religiosa é uma das mais ricas experiências que o humano pode vivenciar, [...] por isto o interesse em investigá-la e nessa investigação procurar o conhecimento acerca da sua origem.

No Gráfico 3, obtivemos um resultado bem interessante: Há uma intersecção entre os que não acreditam em Deus e os que acham que crer em um ser superior talvez auxilie no enfrentamento de adversidades. Ou seja, existem aqueles que não creem em um Deus, mas que acreditam que se tivessem essa crença, poderia existir um auxílio no enfrentamento das dificuldades.

A partir disso, um questionamento pode ser feito: Se um estudante, acredita que crer em um Deus o ajudará nos momentos difíceis da vida, porque ele não crê? Seria por causa da falta de evidências científicas que comprovem a sua existência?

---

<sup>4</sup> É válido ressaltar que apenas 40 alunos participaram de nossa pesquisa, de um universo de 251 alunos. Ou seja, não podemos afirmar que o percentual mencionado se refere a todo o curso e sim, apenas, aos que constituíram a nossa amostra.

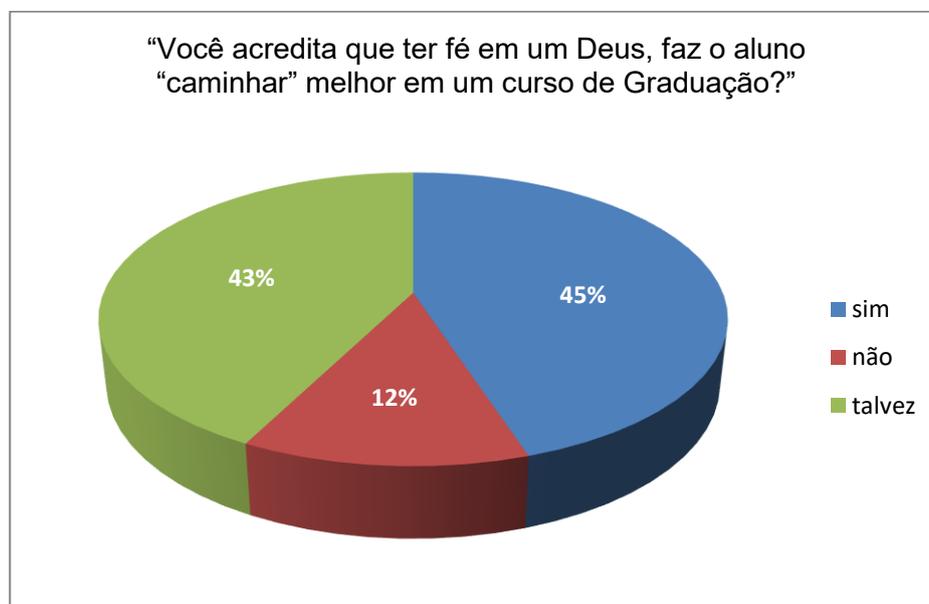
Seria pela busca incessante de explicações lógicas? Ou seria o medo do que as pessoas iriam pensar, por um estudante de ciência acreditar em algo que não é comprovado cientificamente? Samuel Rodriguez (2019) destaca que “a fé capacita-nos para ver o invisível, abraçar o impossível, e dá esperança no incrível”(p. 1).

Seria esse “impossível” ou o “incrível” que se torna possível por meio da fé o que afasta alguns alunos do curso de Física? Talvez a incessante necessidade pela busca de uma explicação lógica, impeça que alguns alunos de cursos das Exatas tentem desenvolver, ou ao menos não reprima, a mesma.

### 8ª questão

A oitava questão foi do tipo misto, pois eles deveriam assinalar possíveis respostas e depois justificar: “Você acredita que ter fé em um Deus faz o aluno “caminhar” melhor em um curso de Graduação? Explique”. Conforme exposto, 45% disseram que “sim”, 12% consideraram que “não” e 43% responderam “talvez”.

Gráfico 4: Respostas dadas à oitava questão.



Fonte: Elaborado Pelo Autor. (2020)

As justificativas dos alunos foram as seguintes:

*Categoria Temática 13- Fé geradora de confiança e motivação:*

Recorte 53: *“É como se Deus ficasse nos motivando e dando aquela força, nos ajudando”*

Recorte 54: *“Não só em Deus (Jeová), até porque há várias crenças, religiões e deuses que são considerados pagãos pelo cristianismo e a fé neles nos faz seguir com a esperança de que no final tudo dará certo”*

Recorte 55: *“Quando acreditamos que Deus está conosco, nos tornamos mais fortes”*

*Categoria Temática 14- Fé indiferente quanto ao “caminhar” no curso:*

Recorte 56: *“Isso vai diretamente do esforço individual. Não adiantaria ter fé se não há nenhum esforço”*

Recorte 57: *“Tudo o que pode acontecer, dependerá do próprio indivíduo, não importa a sua fé”*

*Categoria Temática 15 - Fé como propósito de vida:*

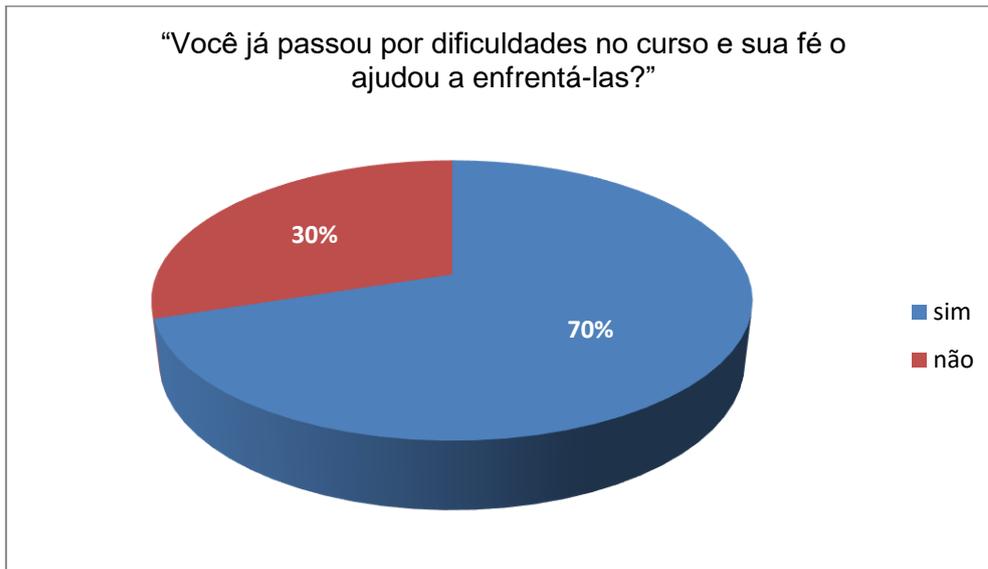
Recorte 58: *“Crer em Deus é crer em um propósito na vida. E se eu enxergo que estar em uma graduação é para cumprir um chamado, você age de forma consciente durante os tempos bons e ruins”*

Como exposto anteriormente, segundo Baia (2016), podemos perceber que a fé possui relação com o corpo físico e com as emoções podendo, portanto, influenciar o desenvolvimento de comportamentos físicos e emocionais. E não temos dúvidas de que estes comportamentos são relevantes para o aluno no decorrer do curso

**9ª questão**

A nossa nona pergunta foi: “Você já passou por dificuldades no curso e sua fé o ajudou a enfrentá-las?” e as respostas dadas foram as seguintes: 70% apontaram que “sim” e 30% consideraram que “não”.

Gráfico 5: Respostas dadas à nona questão.



Fonte: Elaborado Pelo Autor. (2020)

As justificativas dos alunos, agrupadas em categorias temáticas foram as seguintes:

*Categoria Temática 16 -Fé como impulsionadora de superação e capaz de aliviar tensões:*

Recorte 59: *“A partir da fé, eu consegui superar as dificuldades que apareceram no decorrer do curso”*

Recorte 60: *“Minha fé me ajudou a não desistir”*

Recorte 61: *“Ela tem me ajudado a me manter firme em busca dos propósitos”*

Neste recorte podemos perceber uma relação com Samuel Rodriguez (2019), que destaca que “a fé capacita-nos para ver o invisível, abraçar o impossível, e dá esperança no incrível”(p. 1).

*Categoria Temática 17- Fé e divindade:*

Recorte 62: *“Já pensei em desistir, mas se cheguei até aqui [...]foi permissão de Deus”*

Recorte 63: *“A minha fé sempre me fez crer que as coisas iriam melhorar. A fé que Deus sempre irá está ao meu lado me ajudando”*

Recorte 64: *“Em alguns momentos de angústia, Ele me fez revelar, onde pude compreender meu lugar como indivíduo e, conseqüentemente, me permitiu alívio”*

*Categoria Temática 18-A Fé não relacionada à superação das situações adversas:*

Recorte 65: *“A vontade de poder, sim. A fé, nunca”*

Recorte 66: *“Para mim, resiliência é mais predominante que a fé”*

A segunda parte do questionário continha questões com perguntas fechadas e não reuniremos suas respostas em categorias temáticas e sim através da discussão dos dados apresentados em tabelas e gráficos, pois, tais perguntas foram utilizadas para verificar os níveis de I.E. e de Resiliência nos alunos apresentados naquela dada ocasião<sup>5</sup>.

A respeito de a I.E., as perguntas eram voltadas às situações cotidianas, ou seja, perguntamos como o leitor reagiria a partir de determinadas situações. As respostas possuíam escores, criados por nós e, ao final, era feito a soma dos mesmos com vistas a determinar um coeficiente que estaria relacionado a um certo nível de IE (Exposto na Tabela 2):

---

<sup>5</sup>É importante ressaltar que os níveis apresentados pelos participantes foram obtidos pontualmente, no momento da pesquisa, sem o intuito de “aprisioná-los” ou categorizá-los, portanto, em quaisquer estereótipos.

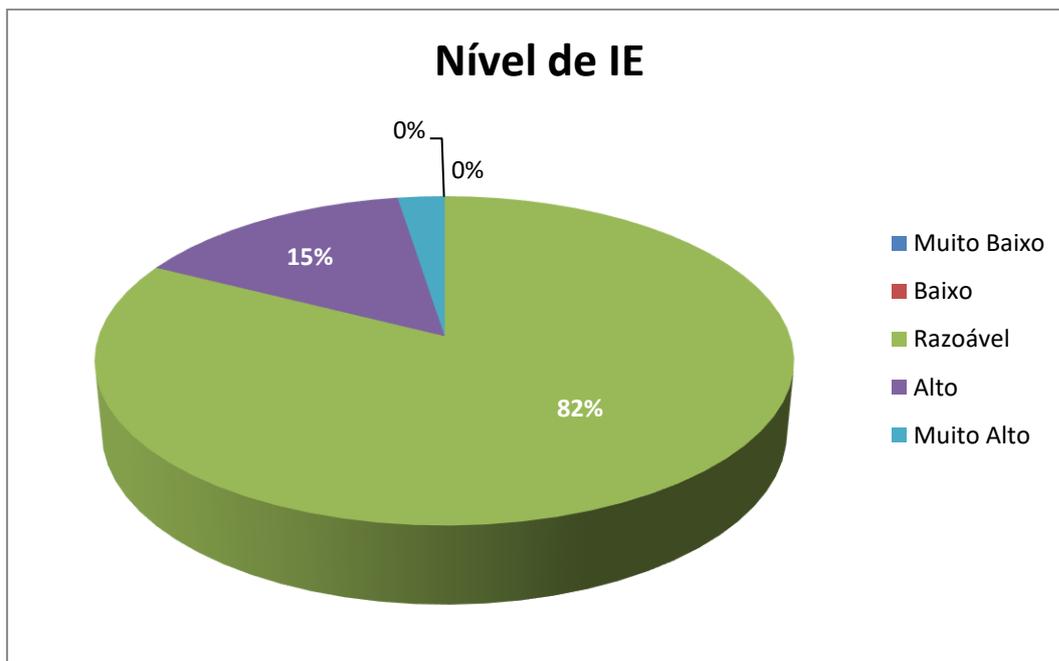
Tabela 2: Níveis de I.E.

Escores	Nível de IE
<10	Muito Baixo
De11 até 20	Baixo
De21 até30	Razoável
De31 até 40	Alto
De41 até 50	Muito Alto

Fonte: Elaborado pelo Autor (2020).

Os resultados dos níveis de I.E. obtidos estão apresentados no Gráfico 6:

Gráfico 6: Nível de I.E. apresentado pelos alunos participantes.



Fonte: Elaborado Pelo Autor. (2020)

Podemos perceber que nenhum dos 40 alunos do curso de Física da UFPE/CAA que respondeu o questionário, possuiu, de acordo com o critério por nós adotado, uma I.E. considerada “Muito Baixa” ou “Baixa”. A grande maioria, 82%, se enquadrou em um nível “Razoável”, 15% no nível “Alto” e 3% no “Muito Alto”.

Utilizamos o mesmo princípio para classificar o nível de Resiliência dos alunos e, para esta investigação, o escore máximo que poderia ser obtido era 100 pontos (Tabela 3):

Tabela 3: Nível de Resiliência

Escore	Nível de Resiliência
< 40	Muito Baixo
De40 até 49	Baixo
De50 até64	Razoável
De65 até79	Alto
De80 até100	Muito Alto

Fonte: Elaborado pelo Autor (2020).

Os resultados do nível de Resiliência obtidos estão expostos no Gráfico 7 e neste novo índice, encaixou-se no nível “Alto” (53%) e “Muito Alto” (25%), “Razoável” (20%) e “Baixo” (2%) de Resiliência.

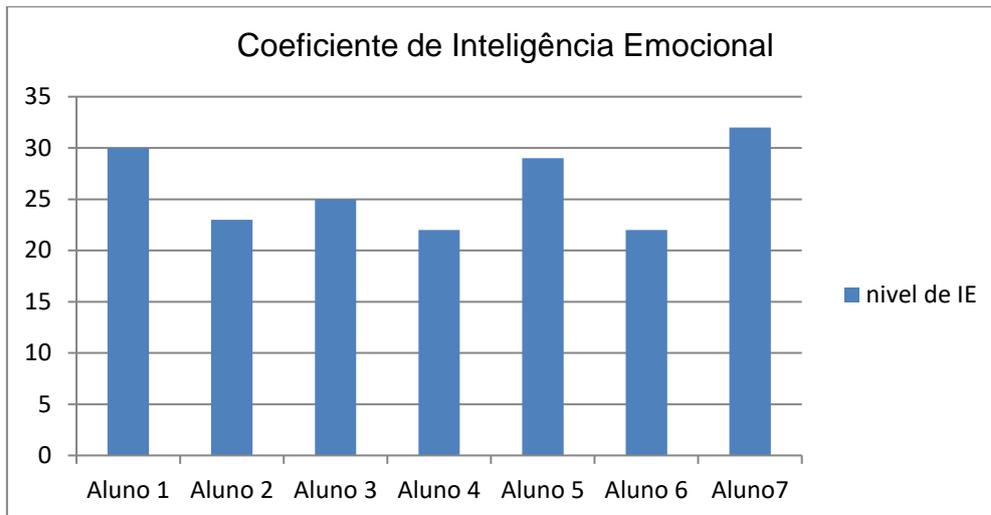
Gráfico 7: Nível de Resiliência apresentado pelos alunos participantes.



Fonte: Elaborado pelo Autor (2020).

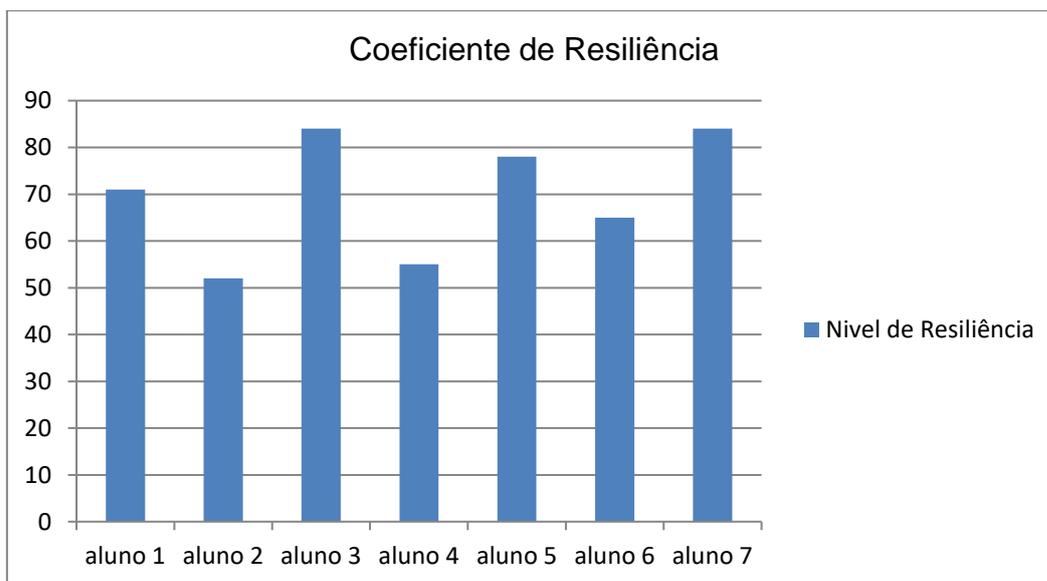
Nos Gráficos 8 e 9 estão expostos, respectivamente, os níveis de I.E. e de Resiliência de todos os alunos que não tinham fé em um ser espiritual superior.

Gráfico 8: Coeficiente de I. E. de todos alunos que responderam não possuir fé.



Fonte: Elaborado pelo Autor (2020).

Gráfico 9: Coeficiente de Resiliência de todos os alunos que responderam que não possuíam fé.



Fonte: Elaborado Pelo Autor. (2020)

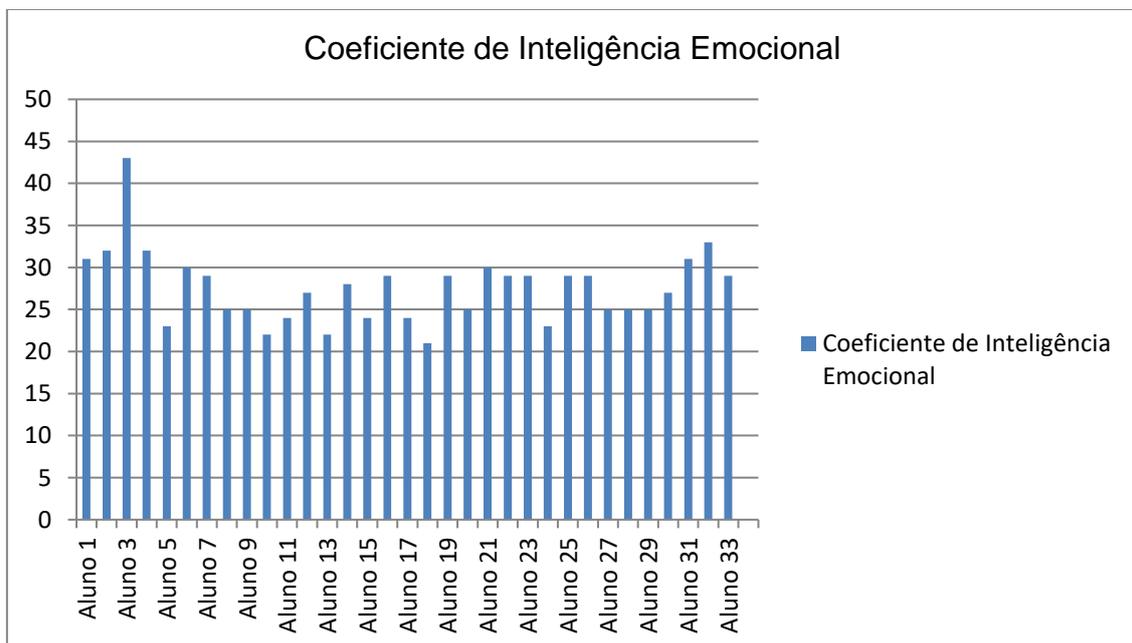
Se fizermos uma rápida interpretação dos Gráficos 8 e 9, podemos perceber que os alunos que a curva dos mesmos foi consonante, ou seja, aqueles que apresentaram um maior nível de I.E. também tiveram os maiores níveis de Resiliência. Lembrando que os limites dos gráficos são diferentes, porém apresentam o mesmo comportamento. Ou seja, pareceu-nos clara a inter relação

entre os conceitos. Estes achados estão de acordo com o pensamento de Trindade (2011, p. 1):

Quando se fala em comportamento adaptativo na inteligência emocional, poderemos estar na presença de um comportamento resiliente, ou seja, um comportamento adaptativo poderá ser o efeito natural de “pensar inteligentemente acerca das emoções”.

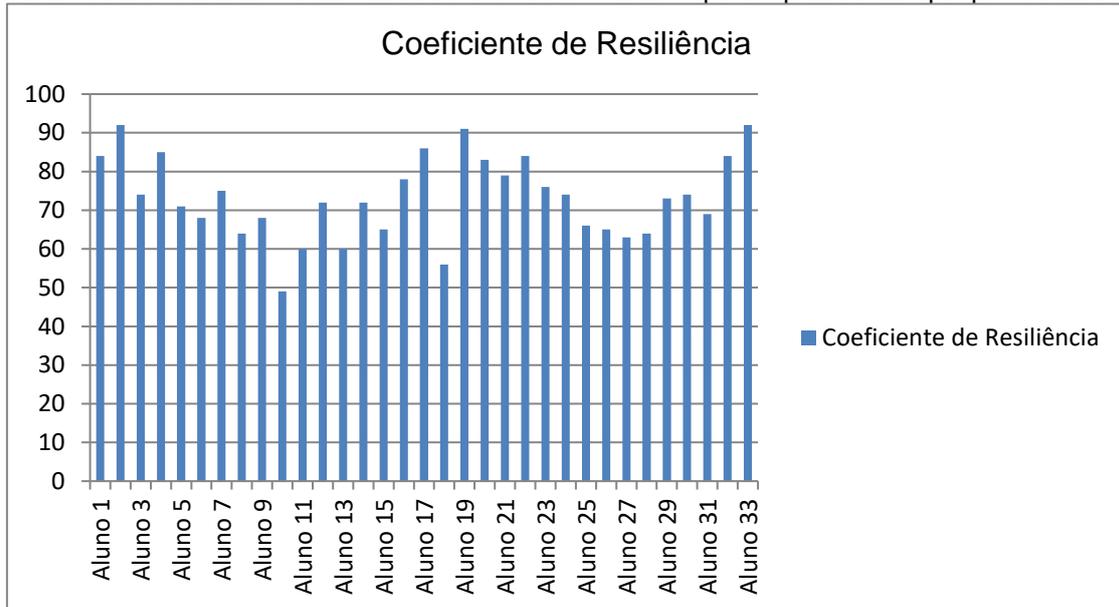
Nos Gráficos 10 e 11 apresentamos os níveis de I.E. e de Resiliência obtidos pelos alunos da amostra que afirmaram possuir uma crença em um Deus. Podemos perceber, mais uma vez, a existência de uma relação de a I.E. com a Resiliência, apontada pelo autor (Idem).

Gráfico 10: Coeficiente de Inteligência Emocional de todos os alunos que responderam que possuíam fé.



Fonte: Elaborado pelo Autor (2020).

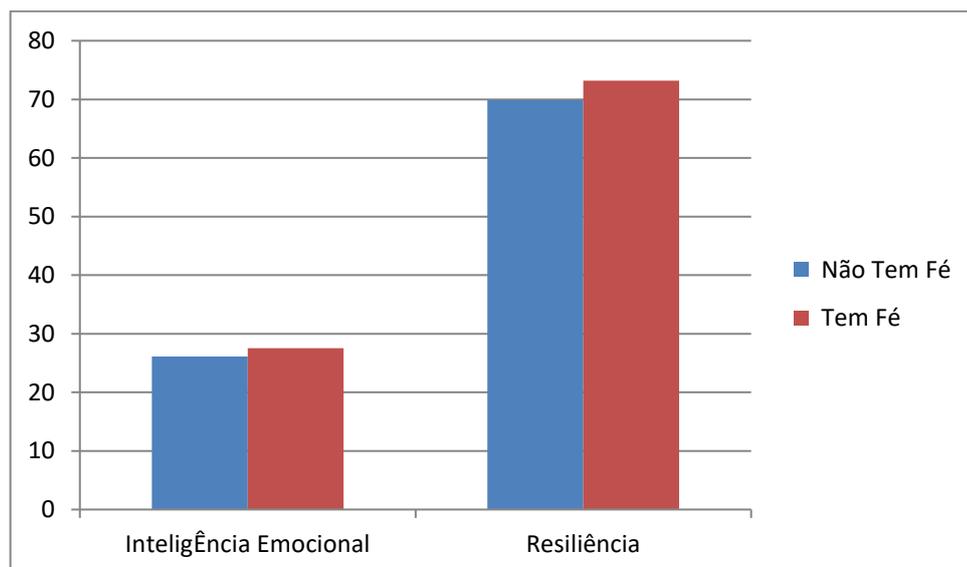
Gráfico 11: Coeficiente de Resiliência de todos os alunos que responderam que possuíam fé.



Fonte: Elaborado pelo Autor (2020).

A seguir, no Gráfico 12, estão as médias dos coeficientes de I.E. e de Resiliência dos alunos que afirmaram acreditar em um Deus e dos que afirmaram não acreditar.

Gráfico 12: Média de I.E. e de Resiliência encontrada nas respostas dos alunos que referiram ter fé em um Deus e dos que referiram não terem.



Fonte: Elaborado Pelo Autor. (2020)

Podemos perceber que a média dos coeficientes de I.E. e de Resiliência dos alunos que referiram “terem fé” em um Deus (27,54% e 73,21%, respectivamente) foi

um pouco maior do que a dos alunos que não acreditavam na existência de um Deus e não tinham fé nele (26,14% e 69,85%, respectivamente).

A seguir, vamos focar a nossa atenção apenas nos níveis “Alto” e “Muito Alto” de I.E. (18%) e de Resiliência (78%) apresentados pelos alunos<sup>6</sup>. Nos Gráficos 13 e 14, portanto, verificamos como se dava a relação que possuir fé teria nos níveis destes parâmetros. O nosso intuito foi entender o que, porventura, poderia estar contribuindo para que estes alunos fossem tão inteligentes emocionalmente e tão resilientes. Será que estes alunos possuíam a crença em um Deus e isso, de alguma forma, contribuiu para o desenvolvimento de tais capacidades? Foi em busca desta resposta que focalizamos a nossa atenção.

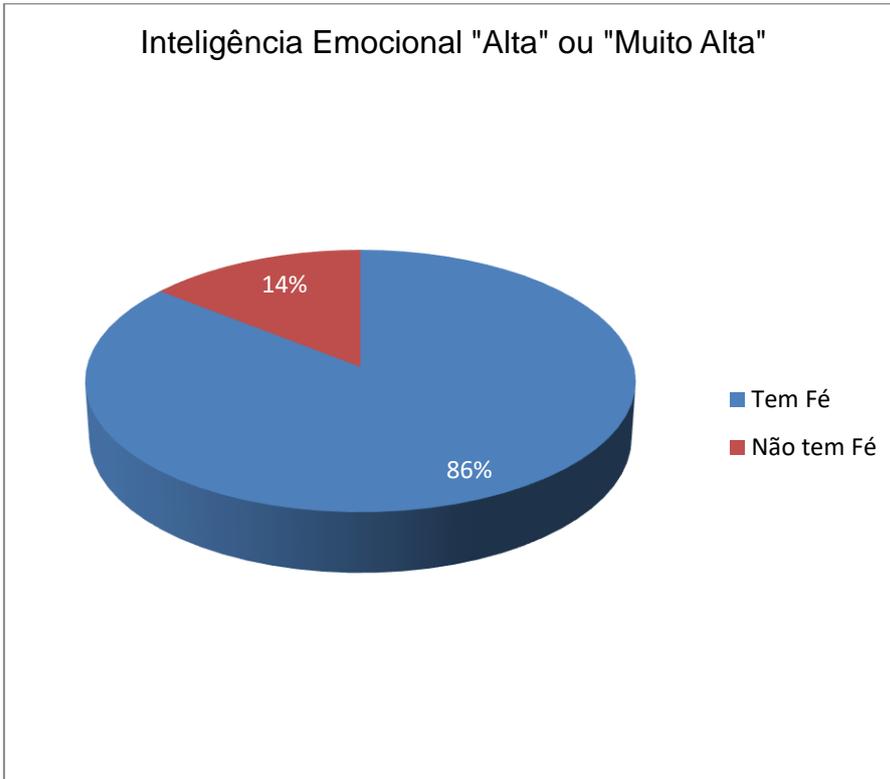
Dos sete alunos que obtiveram o nível de I.E. “Alto” ou “Muito Alto”, apenas um não tinha fé em um Deus(7%), representando uma possível relação nesta amostra, entre ter fé e desenvolver uma maior I.E.. Já em relação aos alunos que obtiveram níveis de Resiliência “Alto” ou “Muito Alto”, dos 31, apenas quatro afirmaram que não tinham fé em um Deus(13%).

Apenas um aluno obteve um nível baixo de Resiliência e o mesmo afirmou ser possuidor de fé em um Deus. Ou seja, este resultado foi na contramão dos achados anteriores, mas sabemos quão complexo é o ser humano e nada pode ser analisado de modo determinístico e sim, em relação a indícios. Neste sentido, este resultado, em virtude de ter aparecido como algo pontual e isolado em nossos dados, não foi considerado por nós relevante.

---

<sup>6</sup>Conforme apresentamos nos gráficos 6 e 7.

Gráfico 13: Nível alto ou Muito alto de IE.



Fonte: Elaborado Pelo Autor. (2020)

Gráfico 14: Nível "Alto" ou "Muito Alto" de Resiliência.



Fonte: Elaborado Pelo Autor. (2020)

Para uma melhor compreensão dos dados obtidos, apresentamos, na Tabela 4, a relação entre Fé, I.E. e Resiliência dos alunos participantes que obtiveram os níveis “Alto” e “Muito Alto”.

Tabela 4: Relação entre Fé, I.E. e Resiliência dos graduandos do curso de Física licenciatura, da UFPE/CAA.

	Tinha fé	Não tinha fé
IE “Alta” ou “Muito Alta”	6 (85,72%)	1 (14,28%)
Resiliência “Alta” ou “Muito Alta”	27 (87,09%)	4 (12,91%)

Fonte: Elaborado Pelo Autor. (2020)

Podemos perceber, portanto, que os alunos do 2º ao 8º períodos (períodos em que estavam matriculados) que obtiveram um nível “Alto” ou “Muito Alto” de I.E. (18%) e “Alto” ou “Muito Alto” de Resiliência (78%), os que mencionaram possuir fé em um Deus<sup>7</sup> foi 85,72% em relação à IE apresentada e 87,09% em relação à Resiliência apresentada.

A seguir, apresentaremos a nossa conclusão sobre a análise e interpretação dos dados obtidos na presente pesquisa.

---

<sup>7</sup>É válido ressaltar que no Gráfico 12, quando apresentamos as médias de I.E. e de Resiliência encontradas nas respostas de todos os alunos que referiram ter fé, ou não, em um Deus, houve apenas uma pequena diferença. Já nos Gráficos 13 e 14, o universo amostral foi constituído apenas dos que tiveram níveis “Altos” e “Muito altos” e a relação com ter ou não fé e, neste caso, houve uma relação mais significativa.

## 7 CONCLUSÃO

Ao término do nosso trabalho, gostaríamos de lembrar quais foram os nossos objetivos, geral e específicos, e tecermos alguns comentários sobre nossos achados em relação a cada um deles. O nosso objetivo geral foi estudar como se apresentou a Inteligência Emocional e a Resiliência em graduandos, em relação à existência ou não de fé.

O nosso primeiro objetivo específico foi: *“Analisar a importância da Inteligência Emocional, Fé e Resiliência, para a vida acadêmica”*. Como pudemos observar, a fé serviu, para alguns participantes, como ponto de sustentação tanto para o equilíbrio das emoções, quanto para o fortalecimento da Resiliência diante das adversidades vivenciadas ao longo do curso de licenciatura.

Como foi exposto ao longo do trabalho, a I.E., a Fé e a Resiliência são de extrema importância na vida do acadêmico, pois: a partir da I.E. o aluno consegue lidar melhor com a carga emocional que as vivências do curso pode gerar; a manifestação resiliente poderá fazer com que o aluno supere mais facilmente as adversidades, amadurecendo à partir da vivência e retornando ao estado de equilíbrio emocional e; a fé, pode representar um caminho para atingir níveis maiores de I.E. e Resiliência.

Neste sentido, 82,5% dos alunos do curso de Física da UFPE/CAA afirmaram ter fé em um Deus, 70% acreditaram que ter fé em um Deus poderia auxiliar o ser humano no enfrentamento das dificuldades que pudessem ocorrer durante a vida, e 45% estavam certos de que a fé poderia auxiliá-los durante sua graduação.

O segundo objetivo específico foi: *“Investigar o que os graduandos compreendem por Inteligência Emocional, Fé e Resiliência”*. Podemos considerar que a maioria dos alunos compreendeu, mesmo que de modo superficial, o significado destes conceitos, demonstrando convergência com os autores trazidos em nossa fundamentação teórica.

O terceiro objetivo específico foi: *“Identificar se os alunos que demonstraram possuir um nível ‘Alto’ e ‘Muito Alto’ de Inteligência Emocional e de Resiliência,*

*consideraram possuir fé*". Antes de respondermos este objetivo específico, ressaltamos que a maioria dos alunos(de toda a amostra) possuía um nível de I.E.“Razoável” (82%) e apenas 18% apresentaram uma I.E. considerada “Alta” ou “Muito Alta”. Quando nos referimos à Resiliência, os dados foram diferentes: 78% possuíam Resiliência “Alta” ou “Muito Alta”, 20% apresentaram nível “Razoável” e 2% nível “Baixo”. A grande maioria dos alunos com I.E.“Alta” ou “Muito Alta” eram possuidores de fé em um Deus (85,72%), assim como ocorreu com a grande maioria dos que obteve níveis de Resiliência “Alto” ou “Muito Alto” (87,09%), sugerindo, portanto, haver uma relação entre o nível de Resiliência, I.E. e a fé em um Deus.

O nosso quarto objetivo específico foi: *“Analisar a média de Inteligência Emocional e de Resiliência apresentada pelos alunos que possuem fé e daqueles que referiram não a possuir”*. A média de I.E. dos alunos que possuía fé foi ligeiramente maior (27,54%) em relação aos que não possuía(26,14%). Do mesmo modo, o nível médio de Resiliência dos alunos que possuía fé (73,21%) foi um pouco maior quando comparados com os alunos que não a possuíam(69,85%). Ou seja, a média de I.E. e de Resiliência apresentada no total de participantes(40), não mudou muito em relação ao fato do aluno ter ou não fé, não sendo estatisticamente relevante, portanto, não mostrando uma relação direta entre os aspectos investigados.

O nosso último objetivo específico, o quinto, de certo modo já foi contemplado nos anteriores e foi: *“Estabelecer uma relação entre Fé, Inteligência Emocional e Resiliência, caso existisse”*.Em nossa investigação percebemos que a fé gerava um alívio e esperança na maioria dos alunos participantes. Esse alívio possivelmente contribuía para o equilíbrio de suas emoções e os ajudava a lidarem melhor com elas, beneficiando, assim, suas I.Es. Acreditamos que o sentimento de esperança poderá “mostrar” uma perspectiva de futuro, de que tal situação irá passar, fortalecendo-os no enfrentamento das dificuldades.

Como em todo trabalho científico, identificamos algumas limitações em nossa pesquisa. Acreditamos que seria de grande importância a realização de um estudo mais detalhado sobre a história de vida dos alunos que consideraram possuir níveis

“Altos” e “Muito Altos” de I.E. e de Resiliência para verificar se, de fato, a fé foi um fator determinante na qualidade de sua trajetória pessoal.

Em termos de contribuições profissionais e pessoais podemos considerar, ao término desse trabalho e também como concluinte do curso de Física Licenciatura pela UFPE/CAA, que seus achados foram relevantes, pois, a partir deles, pudemos identificar um possível caminho de fortalecimento da I.E. e da Resiliência dos alunos e, com isso, interferindo positivamente no desempenho escolar e acadêmico dos mesmos. Como seres humanos pudemos perceber ainda mais o quanto a fé é importante e transformadora do ser, pois, a partir dela, conseguimos lidar melhor com as nossas emoções, “driblando” momentos de tensão e de cargas emocionais nocivas.

Como mencionado nas Escrituras Sagradas do Cristianismo, a Bíblia, a fé é a certeza daquilo que esperamos e a prova das coisas que não vemos e, por meio dela, somos capazes de fazer coisas fascinantes! Finalizamos, então, este trabalho de Conclusão de Curso com uma citação de Jesus, presente no Livro de Mateus, da Bíblia Sagrada Cristã sobre a fé, no intuito de refletirmos: *“Porque em verdade vos digo que, se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a este monte: Passa daqui para acolá, e há de passar; e nada vos será impossível”* (Mateus 17:20).

## REFERÊNCIAS

- A BÍBLIA. **Bíblia de Estudo Aplicação Pessoal**, Edição de 1995, Gráfica da Bíblia, Brasil, 2016.
- A BÍBLIA. **A Natureza da Fé e os exemplos de fé tirados do Antigo Testamento**. Bíblia de estudo aplicação pessoal, versão Almeida, edição de 1995.
- ALZINA, R. B.; GONZÁLEZ, J. C. P.; NAVARRO, E. G. **Inteligencia Emocional em Educación**. Madrid: Sintesis. 2015.
- ARANTES, E.; LEAL, A.L. **A Importância da Resiliência e da Inteligência Emocional sob o Ponto de Vista de Licenciandos do Curso de Física-Licenciatura da UFPE/CAA**. Artigo. Conedu, Recife, 2018.
- BAIA, J. **A Importância da Fé para a Saúde**. Jackson Baia. Página da web. Disponível em: <<https://www.jacksonbaia.com.br/a-importancia-da-fe-para-saude.html>> baia 2016>, acesso em: 17/08/2020.
- BALLONE, J.G. **Estresse**: curso de psicopatologia. monografia na Internet. 2002. Disponível em: <<http://www.psiqweb.med.br/cursos/stress1.html>>, Acesso em: 04/10/2020.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Tradução: Luís Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.
- BEZERRA, k. **História Geral das Religiões**. Unicamp, 2011. Disponível em: <<http://www.unicap.br/observatorio2/wp-content/uploads/2011/10/HISTORIA-GERAL-DAS-RELIGIOES-karina-Bezerra.pdf>> Acesso em: 07/03/2020.
- CARVALHO, A. M.O **Conceito e a Importância da Religião na vida Humana**. Artigo. Web artigos, 2017. Disponível em: <<https://www.webartigos.com/artigos/o-conceito-e-a-importancia-da-religiao-na-vida-humana/81523>> Acesso em: 17/07/2020.
- CORRENT, N. **Diversidade Religiosa: Uma Temática em Debate**. Artigo. Faculdade de Educação São Luís (FESL), 2015, Jaboaticabal – SP
- CORTIZO, M. L. C.; ANDRADE, R. **A Relação Entre Inteligência Emocional e a Vida Pessoal**. Trabalho de Conclusão de Curso. Centro Universitário Instituto de Educação Superior de Brasília – IESB. Brasil, 2017.
- DESLANDES, S. F; JUNQUEIRA, M. F. P. S. Resiliência e maus-tratos à criança. **Cadernos de Saúde pública**. Rio de Janeiro. 19 (1), 227-235, 2003.

DUARTE, P. **A Primeira Manifestação Pré-Histórica do Universo Religioso**, Artigo, Pós-Graduação em Ciências das Religiões-UFPB, 2013.

FAJARDO, I. N.; MINAYO, M. C. S.; MOREIRA, C. O. F. Educação Escolar e Resiliência: política de educação e a prática docente em meios adversos. **Ensaio: Avaliação e Revista Contrapontos** -Eletrônica, Vol. 14 - n. 2 - mai-ago 2014 337 ISSN: 1984-7114 Políticas Públicas em Educação, Rio de Janeiro, v. 18, n. 69, p. 761-774, out./dez. 2010.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução Joice Elias Costa, 3. ed. Porto Alegre, Artmed, 2009.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza, UEC, Apostila, 2002.

FRANKL, V. E. **A presença ignorada de Deus**. 11. ed. rev. São Leopoldo/ Petrópolis: Sinodal/Vozes, 2007.

GAARDER, J. **O livro das religiões**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

GALVÃO M. C. B.; PLUYE, P.; RICARTE I. L. M. Métodos de Pesquisa Mistos e Revisões de Literatura Mistos: conceitos, construção e critérios de avaliação, **InCID: R. Ci. Inf. e Doc.**, Ribeirão Preto, v. 8, n. 2, p. 4-24, set. 2017/fev. 2018

GARCIA, I. Vulnerabilidade e resiliência. **AdolescLatinoam**. 2(3):128-30. 2001.

GERHARDET, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de Pesquisa**. Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS, Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, A .C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 1987.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1994

GIL, A .C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GODOY, A. S. Pesquisa Qualitativa: Tipos Fundamentais. Artigo. **Revista de Administração de Empresas** São Paulo, v. 35, n.3, p, 20-29 Mai./Jun. 1995

GOLEMAN, D. **Inteligência Emocional: A Teoria Revolucionária que Redefine o que é Ser Inteligente**. Rio de Janeiro : Objetiva, 2011.

GOLEMAN, D. **Inteligência emocional: a teoria revolucionária que define o que é ser inteligente**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

GOLEMAN, D. **Inteligência emocional: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

GOMES, R. A.; SIQUEIRA, M. M. M. Inteligência Emocional de Estudantes Universitários. **Psicólogo informação**, jan./dez. 2010, ano 14, n.14.  
 GUIMARÃES, H. P.; AVEZUM, A. O Impacto da Espiritualidade na Saúde Física. **Rev. psiquiatr. clín.** vol.34 suppl.1 São Paulo , 2007.

GUZZO, R. S. L.; TROMBETA, L. H. A. P.; **Enfrentando o cotidiano adverso: estudo sobre resiliência em adolescentes.** Campinas: Alínea; 2002.

**Instituto Brasileiro de Coaching.** A Importância da Resiliência Emocional no Trabalho. Página da Web, disponível em:  
 <<https://www.ibccoaching.com.br/portal/importancia-da-resiliencia-emocional-no-trabalho/>>, Acesso em 27/03/2020.

**Instituto Brasileiro de Coaching.** As Emoções Básicas do Ser Humano. Página da Web, disponível em: <<https://www.ibccoaching.com.br/portal/as-emocoes-basicas-do-ser-humano/>> Acesso em 27/03/2020.

JOHNSON, R. B.; ONWUEGBUZIE, A. J.; TURNER, L. A. Toward a definition of mixed methods research. **Journal of Mixed Methods Research**, v. 1, n. 2. p.112-133. 2007.

JOSAPHAT, F.C. Fé e Razão. **Pepsic Ide** (São Paulo) vol.36 no.56 São Paulo jun. 2013. Disponível em  
 <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-31062013000200005](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062013000200005)>, Acesso em: 13/07/2020.

LIBÂNIO, J. C. **Pedagogia e Pedagogos, para quê?** 12<sup>a</sup>. ed. São Paulo: CORTEZ, 2010.

MANZATO, A. J., SANTOS, A.B. **A Elaboração de Questionários na Pesquisa Quantitativa.** Departamento de Ciência de Computação e Estatística – IBILCE – UNESP, 2012.

MARQUES. **As Emoções Básicas do Ser Humano.** Instituto Brasileiro de Coaching, 2020, Página da Web. Disponível em:  
 <<https://www.ibccoaching.com.br/portal/as-emocoes-basicas-do-ser-humano/>> Acesso em: 07/05/2020.

MARQUES. **Importância da Resiliência Emocional no Trabalho.** Instituto Brasileiro de Coaching, 2018, página da Web. Disponível em:  
<https://www.ibccoaching.com.br/portal/importancia-da-resiliencia-emocional-no-trabalho/>. Acesso em 07/05/2020.

MARQUEZÓLO, G. A Importância da Fé para o Ser Humano. **Psicologias do Brasil**, 2016. Disponível em: <https://www.psicologiasdobrasil.com.br/a-importancia-da-fe-para-o-ser-humano-2/>>, Acesso em 30/04/2020.

MARTINS, M. **5 Razões Porque a Fé é Tão Importante**. A palavra de Deus. 2017. Página da web. Disponível em: <<http://apalavradedeus.com.br/5-razoes-porque-a-fe-e-tao-importante/>> Acesso em 30/07/2020.

MAYER, J. D.; SALOVEY, P. What is emotional intelligence? In: SALOVEY, P.; D. J. SLUYTER (Org.). **Emotional development and emotional intelligence: Educational implications**. New York: Basic Books, p. 3-31, 1997.

MAYER, J. D.; SALOVEY, P.; CARUSO, D. Emotional intelligence meets standards for intelligence. **Intelligence**, 27, 267-298. 2000.

MINAYO, M. C. de S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

MOREIRA, D. A. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

NASCIMENTO, S. A. S. **A Importância da Inteligência Emocional na Educação**. Web Artigos. Disponível em: <<https://www.webartigos.com/index.php/artigos/a-importancia-da-inteligencia-emocional-na-educacao/84781%20nascimento%202012>>. Acesso em: 27/09/2020.

OLIVEIRA, R. C. F. **O mundo na perspectiva mitológica**. Portal Educação Disponível em: <<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/nutricao/o-mundo-na-perspectiva-mitologica/56044>>. Acesso em: 17/03/2020.

PLUYE, P. Les méthodes mixtes. In: RIDDE, V.; DAGENAIS, C. (Ed.). **Approches et pratiques en évaluation de programme**. Montréal: Presses de l'Université de Montréal, p. 125-143. 2012.

QUEIROZ, N. S. **Gerenciamento das Emoções: análise da Inteligência Emocional dos Estudantes de Administração da Universidade Federal da Paraíba, Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Administração) – UFPB/CCSA 2016**.

RODRIGUES. **A Importância da Religião: Anseio Interior**. Igreja de Jesus Cristo. Fórum de Imprensa. 2019. Disponível em: <<https://noticias-pt.aigrejadejesuscristo.org/artigo/a-importancia-da-religiao--o-anseio-interior?imageView=pondering-by-water.jpg>>. acesso em: 21/05/2020.

RODRIGUEZ, S. **Religious Liberty and Complacent Christianity**. The Christian Post, 10 de setembro, 2013.

RÖHR, F. Espiritualidade e Formação Humana. UNISUL, Tubarão, Número ESPECIAL: Biopolítica, **Educação e Filosofia**, p. 53 - 68, 2011.

SAAD, M.; MASIERO, D.; BATTISTELLA, L. R. Espiritualidade baseada em evidências. Artigo, **Revista USP** v. 8 n. 3, 2001.

SARDA, J.J.; LEGAL, E. J.; JABLONSKI, J.R. **Estresse: conceitos, métodos, medidas e possibilidades de intervenção**. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2004.

SILVA, A. C.; LEAL, A.L. **A Importância da Educação Emocional e sua Aplicabilidade na Vida Cotidiana de Alunos do Ensino Fundamental II.** Artigo. Conedu, João Pessoa, 2017.

SILVA, A. N.; ARAUJO, J. O. G. D.; FIDÊNCIO R. G. **A Resiliência na Atuação Docente.** Artigo, Web Artigos, 2011, Disponível em: <<https://www.webartigos.com/artigos/a-resiliencia-na-atuacao-docente/70120>> Acesso em: 13/04/2020.

SILVA, E. M. Religião, Diversidade e Valores Culturais: conceitos teóricos e a educação para a Cidadania. **Revista de Estudos da Religião** nº 2. pp. 1-14, 2004.

SILVA, S. F.S.M. **Arqueologia das Práticas Mortuárias em Sítios Pré-Históricos do Litoral do Estado de São Paulo.** Universidade de São Paulo, 2005, São Paulo.

SOUZA, A. B.; DIAS, J. H., Inteligência Emocional e Desempenho Acadêmico em Estudantes do Ensino Superior, Artigo, **Interações** nº 21. pp. 95-124. do Autor, 2011.

TABOADA, N.G.; LEGAL, E.J.; MACHADO, N., Resiliência:em busca de um conceito,**Rev. bras. crescimento desenvolv. hum.** v.16 n.3, São Paulo dez, 2006.

TAVARES, J. (Org.). **Resiliência e Educação.** São Paulo: Cortez, 2001.

TEIXEIRA, E.B. **A Análise de Dados na Pesquisa Científica:** importância e desafios em estudos organizacionais, Editora Unijuí, ano 1. n. 2 . jul./dez.. 2003 p. 177-201.

THOMPSON, N. Researchintopractice.**Community Care.** 30:47. 2003

TRINDADE; FARO, M. **Inteligência Emocional e Resiliência:** estudo exploratório junto de uma população universitária. BD Digital, UFP, 2011.

TUSAIE, K.; DYER, J. Resilience:A historical review oftheconstruct. **Holist NursPract.** 18(1):3-8, 2004.

WEDDERHOFF, E. Educação emocional: Um novo paradigma pedagógico?**Revista Linhas,** Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 1-8, 2001. Disponível em: <<http://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1299/1110>>. Acesso em: 13/08/2020.

YUNES, M.A.M.; SZYMANSKI, H. Resiliência: noção, conceitos afins e considerações críticas. In: Tavares J, organizador. **Resiliência e educação.**2ª ed. São Paulo: Cortez, p. 13-42, 2001.

## APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO



### UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO CAMPUS ACADÊMICO DO AGRESTE

Este questionário tem como função coletar os dados necessários para a elaboração do TCC(Trabalho de Conclusão de Curso) do discente Ezequiel Edilson Felix Arantes do curso de Física Licenciatura, sob orientação de Prof<sup>a</sup>Dr<sup>a</sup> Ana Lúcia Leal.

Agradecemos, de antemão, pela colaboração!

Nome/Iniciais: \_\_\_\_\_ Curso/Período: \_\_\_\_\_  
Idade: \_\_\_\_\_ Gênero: \_\_\_\_\_

1) O que significa Fé para você?

---



---

2) O que significa inteligência emocional para você?

---



---

3) O que significa resiliência para você?

---



---

4) Você se considera uma pessoa que tem fé em um Deus?

( ) SIM ( ) NÃO

Explique:

---



---

5) Você se considera uma pessoa religiosa?

( ) SIM ( ) NÃO

6) Se sim, qual a sua religião?

---

7) Você acredita que é possível a fé em um Deus ajudar no enfrentamento de dificuldades?

( ) SIM ( ) NÃO ( ) TALVEZ

Explique:

---



---

8) Você acredita que ter fé em um Deus, faz o aluno “caminhar” melhor em um curso de Graduação?

( ) SIM ( ) NÃO ( ) TALVEZ

Explique:

---



---

9) Já passou por dificuldades no curso e sua fé o ajudou a enfrentá-las?

( ) SIM ( ) NÃO

Explique:

---



---

*Sobre você, responda com a frequência coerente:*

Sou uma pessoa...

10)...que persiste quando está diante de um desafio, não desistindo nas primeiras dificuldades...

- ( ) Sempre
- ( ) Quase sempre
- ( ) Às vezes
- ( ) Raramente
- ( ) Jamais

11)...que procura se colocar no lugar do outro, sendo compreensivo(a) em relação aos momentos difíceis dos outros...

- Sempre
- Quase sempre
- Às vezes
- Raramente
- Jamais

12) ... que consegue manifestar suas emoções de acordo com as pessoas, situações e o momento oportuno...

- Sempre
- Quase sempre
- Às vezes
- Raramente
- Jamais

13) ... que consegue controlar suas emoções, mantendo a calma nos momentos difíceis...

- Sempre
- Quase sempre
- Às vezes
- Raramente
- Jamais

14) ... que tem uma visão realista de si mesmo, com adequada percepção de suas potencialidades e limitações...

- Sempre
- Quase sempre
- Às vezes
- Raramente
- Jamais

15)... que consegue superar seus sentimentos de frustração quando alguma coisa não dá certo, procurando aprender com as experiências negativas...

- Sempre
- Quase sempre
- Às vezes
- Raramente
- Jamais

16) ... que se sente segura diante de outras pessoas...

- Sempre
- Quase sempre
- Às vezes
- Raramente
- Jamais

*Para cada afirmação atribua nota de 1 a 5 conforme abaixo:*

- 5 - Sempre*
- 4 - Na maioria das vezes*
- 3 - Medianamente*
- 2 - Poucas vezes*
- 1 - Nunca*

17) Eu consigo transformar situações adversas em algo positivo, e descobrir benefícios em experiências negativas \_\_\_\_\_

18) Quando vivenciei uma crise eu surto com várias soluções, em vez de ficar sem saber o que fazer \_\_\_\_\_

- 19) Eu tenho facilidade em resolver problemas. Conforme o caso, consigo ser criativo, ou lógico, ou então uso simplesmente o bom senso\_\_\_\_\_
- 20) Quando algo de realmente ruim acontece comigo considero natural, ocasionalmente, dar uma boa risada disso\_\_\_\_\_
- 21) Sou sempre o mesmo, mas percebo que em circunstâncias diferentes eu me comporto de forma diferente para me adaptar às várias situações\_\_\_\_\_
- 22) Quando enfrento uma situação caótica ou de conflito, imediatamente procuro me acalmar, e me concentro em adotar ações práticas e úteis\_\_\_\_\_
- 23) Costumo encarar o futuro sem ansiedade ou preocupação\_\_\_\_\_
- 24) Quando fico preso no trânsito e sei que vou me atrasar para um compromisso, em vez de ficar agitado ou estressado, eu me mantenho calmo\_\_\_\_\_
- 25) Quando tenho perdas ou reveses, meus sentimentos de raiva, prejuízo ou frustração não duram muito tempo. Consigo recuperar-me bem dos reveses\_\_\_\_\_
- 26) Lido bem com situações ambíguas e incertas\_\_\_\_\_
- 27) Sou curioso. Faço perguntas. Gosto de tentar novas formas de fazer as coisas\_\_\_\_\_
- 28) Depois de passada a crise, costumo perguntar o que aprendi de novo com ela \_\_\_\_\_
- 29) Todas as vezes que enfrento experiências difíceis e complicadas eu saio delas fortalecido e melhorado \_\_\_\_\_
- 30) Eu me adapto rapidamente às novas circunstâncias e acontecimentos. Tenho facilidade de reposicionar-me diante das dificuldades\_\_\_\_\_
- 31) Sou habitualmente otimista. Considero as dificuldades e adversidades como algo temporário e confio que vou superá-las\_\_\_\_\_
- 32) Sou flexível e sei enfrentar muito bem tempos difíceis\_\_\_\_\_
- 33) Quando algo de ruim acontece comigo, prefiro manter-me em contato com as pessoas, em vez de me encolher e ficar ruminando meus pensamentos\_\_\_\_\_
- 34) Eu me adapto facilmente às pessoas com personalidades diferentes da minha\_\_\_\_\_
- 35) Sou autoconfiante e tenho um conceito saudável de mim mesmo\_\_\_\_\_
- 36) Rejeito a ideia de que sou vítima das circunstâncias ou que são elas que controlam a minha vida\_\_\_\_\_

#### REFERÊNCIAS

<https://www.rhportal.com.br/artigos-rh/autodiagnostico-teste-sua-inteligencia-emocional/><https://administradores.com.br/artigos/voce-e-resiliente-faca-o-teste>